

Tati Cavalcanti

caóticos

de uma mulher crônica



NOVITAS

2010

1ª edição

vera cruz - rs - brasil

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação:
Bibliotecária Daiane Schramm – CRB-10/1881**

C376c Cavalcanti, Tati
Caóticos de uma mulher crônica. / Tati
Cavalcanti. – Vera Cruz : Editora Novitas,
2010.
104p.
ISBN 978-85-62442-14-8
1. Literatura Brasileira. 2. Contos. I.
Título.

Composição e diagramação:
EDITORA NOVITAS
www.editoranovitas.com.br
Caixa Postal 331 – CEP 96.810.970

Dedico esse livro a minha família e os amigos que se envolveram com este parto sem analgesia. Um carinho especial em Letícia e David que apostaram nos meus devaneios e me estimulam intelectualmente.

Matheus e Bia com um amor imenso, esse de mãe.

E um afago especial ao Renato meu agora ex-marido, mas eterno parceiro.



DIAS DE NOSTALGIA E UMA VONTADE ABSURDA DE SUMIR

Tem uns dias em que, mesmo feliz, a gente lembra numa nostalgia tão grande que dá para perder a fome porque preenche de um jeito que dá ânsia por excesso. Parece que mudam as cores das paredes do meu quarto onde eu guardo cinco retratos de um tempo que faz tanto tempo que eu já nem lembro mais. Parece que eu vou morrer de saudade, mas como ninguém morre efetivamente de saudade, quase morro sufocada mesmo. A saudade sufoca roxo, mata triste e solitário. Minha garganta fica com o gogó virado para trás de tanta dor. Não dá para engolir e não passa de volta para cuspir. Precisa esperar dissolver e sair no cocô, que eu só faço de vez em quando por causa da minha dificuldade de digestão e do meu problema intestinal.

Eu sempre choro de saudade de tantas coisas que ficaram para trás que parece que estou vivendo a quinta vida como Tatiana. E mesmo quando lembro que não vou morrer disso, quase morro novamente por saber que há coisas que não se apagam jamais. Nem com o tempo nem com todas as drogas disponíveis para efeito de esquecimento imediato. O meu barato é cola de sapateiro já que vivo quebrando meus saltinhos baixos.

E quando estou nostálgica eu quero mesmo agarrar essa solidão profunda do meu corpo e morrer pela terceira vez. Só que agora

caóticos de uma mulher crônica

morrer de vazio, de uma inanição que não acaba mesmo comendo proteína de três em três horas e tomando suco de laranja para não pegar uma gripe. E de novo alguém me refresca a cabeça e eu não morro, não morro de nada disso que eu acho tão lindo, tão poético e tão patético.

Eu sou patética. Eu e minhas milhares de mortes que nunca me matam de nada. No fundo no fundo porque ainda há muito para viver. Eu sou patética e sou fachada de favela. Caindo aos pedaços, esperando que a vida faça, que o destino aconteça e que eu só colha os suculentos frutos de ser preguiçosa e cada vez mais flácida, folgada e um pouco mal educada. Depende do dia e do cabelo.

Eu não nasci para perder, para frustrar, para segundo lugar. Eu nasci para o pódio mais alto mesmo que muita gente nem sequer entenda do que estou falando. E mesmo que o pódio, até agora, não tenha vindo até mim porque grande parte dos seres vivos ou não, não chega ao fim das minhas lamúrias.

Pela quarta vez morro soterrada nessa lembrança insana e que cutuca com a unha do mindinho meu estômago que está furado. Furado de saudade e cansado de digerir tanto sapo e tanta ausência. Não dá para comer, mas dá para sentir. Dá para sentir que eu sinto saudade porque estou viva e porque vivi o suficiente até aqui para ter tanto o que contar. E tanto o que chorar de saudade. De mim, daquele lugar, de vocês dois, da gente, deles, de tudo que não é hoje. De tudo que é ontem. É. Tem uns dias que são foda. A gente acorda assim. Numa nostalgia tão incômoda que dá vontade de morrer umas



tati *cavalcanti*

cinco vezes. Mas a gente não morre mesmo e tudo volta para o seu devido lugar. A saudade esperando outro dia desses para atacar com tudo e não sobrar nem a sua própria sombra. E a vida? A vida segue adiante. Apesar de toda saudade do mundo.





UMA CHUVA E NOSSO TIME VENCEDOR

Essa chuva é como aquelas chuvas, aquelas que caíam sem parar naqueles dias em que eu e ele ficávamos o tempo inteiro em cima da cama morrendo em prestações suaves de uma preguiça eterna alternando o amor absoluto pelo conforto de sabermos tudo um do outro. Ou quase tudo.

Ele contava meia dúzia de piadas. Eu ria um ano inteiro da meia dúzia de piadas bem mais ou menos, mas que me faziam achar graça da lamúria dos outros e me contavam só mais um pouco de como ser cúmplice é a grande questão de tudo isso e de tudo aquilo. Essa cumplicidade boa que permite silêncios longos e quase sufocantes, se a coisa não é de verdade. Esse ponto G emocional que dá acesso aos maiores segredos que eu sempre guardei até de mim mesma e deixa a gente leve. Eu gosto de ser leve e quando já era bem grande prometi para mim mesma que não ia mais esconder. No máximo omitir.

Esse cheiro úmido e frio que entra nessa janela de madeira tão graciosa penetra em todas as minhas células servindo de calmante para minhas ansiedades e para essa angústia infinita que me faz tomar antioxidante a noite toda. Desde que nasci, Mylanta Plus na mamadeira.

Esse vento que balança essa árvore levando a chuva daqui para lá nessa dança sexy da mãe natureza, bate no meu rosto preguiçoso que só enxergava ele e ele e ele em suas mais diferentes versões.



Mesmo que diferentes versões só existam na minha cabeça que quer acreditar que dessa vez vai! Eu acho que o vento tem tudo com a liberdade, com a leveza, com a sutileza que até as piores coisas do mundo trazem em suas entrelinhas. E quando meu cabelo voa um pouco errado armando os cachos que eu morro para não lutarem em público, eu me lembro sempre dessa liberdade que ele e esse vento me fazem sentir porque é verdade. Vento e amor libertam. Ou pelo menos deveriam.

Uma sensação boa de que, com a cara soterrada na asa das costas dele, nenhuma guerra pode ser grande, nenhum obstáculo pode ser suficiente e nenhuma bunda dura o tirará daqui debaixo desse edredom novo que eu comprei valendo os cinco anos. É sempre assim. Quando eu estou inalando única e exclusivamente o cheiro daquela pele branca, tudo do mundo é pequeno demais e tudo de nós é imenso o suficiente para que eu possa, por todos esses momentos, esquecer que eu sou essa pessoa chata, complexa e cri-cri que só ele gosta desse jeito tão doido e quase sempre incondicional. É isso que me torna um pouco mais leve e com um pouco mais de fé em tudo que é sonho, mas que demora tanto para acontecer. Esse barulho de chuva me leva de volta a todas as outras chuvas que tomamos juntos quando a gente não se preocupava nem um pouco em pegar uma gripe. Quando ainda era melhor viver gripado do que se proteger da vida.

Agora que a chuva passou fica esse cheiro gostoso de terra molhada e mundo limpo das feiúras que a gente tem cometido sem sequer

caóticos *de uma mulher crônica*

ficar rubro. Agora que a chuva passou, estamos aqui. Ainda deitados e com uma preguiça que amarra o corpo no colchão. Eu, ele, nosso silêncio e nossa cumplicidade. Nosso time completo e sem ninguém com dor muscular.

SER PARA SEMPRE

A verdade chata, repetitiva e cheia de babados com nuances rosinha bebê para ofuscar um pouco a violência disso que eu sinto, é que eu quero tudo que não pode e para sempre. É violento e para toda eternidade.

Eu quero tudo que está longe e que não alcanço e de preferência que, para alcançar, eu tenha que fazer um esforço quase letal. Eu quero tudo que exige coisas que eu não posso dar e inclusive, o que eu não quero dar. Porque se eu gostasse de exercício, minha bunda não estaria ornada com celulites e buraquinhos um pouco menores, mas bem mais charmosos e bronzeados. Eu quero tudo que é na prática impossível, mas na teoria uma baba. Eu quero para sempre intenso, para sempre eterno, com amor e com uma dose suficiente de sacanagem.

Eu quero que continue virando texto, quero para sempre com bandeja de café na cama mesmo que o leite esteja frio e o mamão machucado. O que importa mesmo é o gosto do mamão. Eu quero essa declaração diária sobre minha pele macia até quando a gente sabe que ela está mais para peneira de índio que qualquer outra coisa. Eu quero sempre com essa paixão, nesse sofá mais torto que a perna do meu tio-avô. Quero eterno com a mão quente e o pé chato fazendo esse barulho bizarro de ventosa a cada passo largo que você dá toda vez que vem na minha direção.

caóticos de uma mulher crônica

Eu quero com queijo porque só tem com presunto. Eu quero com música porque é proibido. Eu quero silêncio porque estou num Fla Flu. Eu quero tudo que não dá agora e nem nunca vai dar porque passou da hora, mas eu não posso nunca jamais admitir que a hora se foi. Na minha verdade quem faz minha hora sou eu. E ponto final.

Eu quero de framboesa, com cheiro forte, em cima da mesa. É vocação, diria minha mãe, eu quero tudo que não pode. Quero para vida toda com trilha sonora e quero de maria-mole (e de mole só mesmo a maria, por favor) porque chocolate me dá náusea. Eu quero que seja sempre com sacanagem, na lua cheia, com amor e um pouco de limão porque só doce dá diabetes. E se não azedar eu também morro nessa felicidade que eu tanto não quero de tanto que já quis.

Eu quero azul porque combina com seu olho e eu quero agora porque você está cansado. E depois eu não quero mais porque querer quando você quer é apelar para o que eu não sou. Eu quero tudo do mundo que está a bilhares de séculos de mim porque assim a maldita busca que me alimenta e me joga para frente não acaba. Porque de vez em sempre é um fato: ser é estar para sempre.

SAÍDA DO LABIRINTO DA VIDA

Eu estou atrás da saída. Aquela porta de saída de tudo que me dá esse desespero e essa vontade de sumir num passe de mágica enlaçada no coelho. Eu quero sair e não acho a porta certa para parar de esgotar uma vida toda e para parar de ser tudo, sempre, para ontem. Eu quero sair, mas todas as portas que encontrei estavam trancadas com chave tetra. Chave tetra faz um barulho. E eu não tenho uma chave tetra para abrir e ir de encontro à liberdade, enquanto meus cabelos desgrenhados voam contra o vento quente do Saara. É um tal de vira à direita, vira à esquerda, vai só um pouquinho reto, depois da bifurcação quebra total à esquerda de novo e vai. Vai sempre adiante. Sempre reto. Vai toda vida. Com a cabeça erguida. A sonhada saída branquinha, com umas plantinhas para florescer e umas luzinhas piscando como num conto de fadas ridículo e alucinógeno até para as criancinhas banguelas. A saída cheia de novidades, cheia de milhares de coisas que me deixam nostálgica. Pode ser?

Volto para o ponto de partida, onde o bonequinho de revista fica até ser levado, pelo leitor, para a bexiga azul com laço de fita vermelho. Só que se fosse na revista estava fácil. Mas a saída disso aqui tá complexa, vou dizer. Então agora começamos indo até o final e depois virando à esquerda. No farol, três ruas depois tem um posto de gasolina. E não tem saída. E tudo

caóticos de uma mulher crônica

sempre oco e fazendo eco, tudo sempre vazio, tudo sempre frio, tudo sempre incerto de uma incerteza que desconcerta e cutuca meu rim que já está com dificuldades de fazer seu trabalhinho. Tudo truncado, tudo sempre assim. Com muita luz, mas sem saída. E eu sou claustrofóbica, cacete.

Eu estou atrás da saída porque dói sentir, porque dói querer tanto e não sacar nunca que desejar não é sinônimo de conseguir. A não ser para os incorrigíveis otimistas. Eu quero sair porque dói brincar de estátua e perder, porque é foda quando a gente percebe que se perdeu da gente e porque dói uma dor constante ter tanto para dizer e tão poucos para ouvir. Porque essa bosta toda de nascer artista é isso. Sofre, filha da puta, sofre mesmo. Sofre todo sofrimento do mundo e morre sofrendo que é para, na próxima vida quem sabe, aprender a ser feliz de uma felicidade doente e irritante que cutuca todos os vizinhos e perturba um estádio de futebol inteiro. Sofre mesmo porque se você não sofre você não escreve e se você não escreve, meu amor, você morre sem um real para os crisântemos. Eu quero sair e nada das portas. Muitas janelas, a cabeça não passa, que dirá a bunda gigante. Eu quero a saída para respirar diferente, para renovar as esperanças, para catar chuchu em outra horta.

Eu quero aprender a ser paciente. Eu preciso ser menos urgente. Eu quero a saída disso aqui que é para ampliar o campo de busca das minhas infinitas mais umas respostas. Eu preciso achar a saída e encontrar, lá fora, sossego para toda essa movimentação interna que me dá dor muscular e que pulsa na nuca fazendo a dor de cabeça



toti *cavalcanti*

não ir embora nunca. Eu quero mantras que é para respirar melhor, para pensar melhor e para chegar à Índia entendendo um pouco mais sobre todo esse mistério que somos nós. Eu quero calma para minhas ânsias e tranquilidade para minha mente.

Eu só quero a saída. Por dois instantes no máximo. Que é para me olhar de fora, sentir saudade e voltar para mim inteira e novinha em folha.



TODA QUARTA-FEIRA É A MESMA COISA

Toda semana é o ritual que se repete. Quando ouço o barulho das primeiras gargalhadas sei que, em seguida, começarão as marteladas. Abro um olho só e já sei: 4:00 horas em ponto. Eles descem rindo, contam de suas mulheres num tom absolutamente vulgar, arriscam uma discussão por causa do futebol de domingo e riem horrores na quantidade e na qualidade da risada. Carregam caixas, pulam de caminhões, saltam como macacos e riem. Rir e achar bom (como parece que eles acham) carregar caixas e pular de caminhões antes de amanhecer? Vou dizer, é para poucos e resignados, admito.

Toda semana a história é incrivelmente igual. Eles vão chegando, aumentando o barulho, as marteladas ficam mais frequentes e fortes e naturalmente, as crianças acordam com o ânimo exacerbado dessas criaturas altamente especiais. É gente falando do Lula, é gente contando da segunda divisão enquanto roda o palito no canto da boca e chia de como a sogra pegou no pé esse final de semana. Alguns falam da vizinha gostosa e comentam do caso da galinha desaparecida da vizinha de Itapecerica.

Toda semana é a mesma cena. Nós, já de olhos abertos e tentando abafar o barulho, esperamos as crianças darem sinal de vida. 5 horas. Acordam animados como nossos companheiros, ávidos por mais um dia de trabalho num país onde viver dignamente é



isso. Se foder intensamente para achar que tem chance de ter um filho estudado e pronto para virar doutor.

Toda semana a rota se repete. Eu desço bem cedinho com Matheus em busca de frutas, folhas e verduras fresquinhas. E peixe. E toda semana enquanto a gente passa nas mesmas barracas, o Matheus ganha um pedaço de melancia aqui, uma banana ali e acena para todos eles encantadoramente. Toda semana encontrando as mesmas almas penadas que saem cedinho de casa em busca de coisas gostosas para a hora do almoço. Toda quarta-feira é o mesmo troço. Matheus é prefeito entre eles. Ganha inclusive carrinhos e nos dias mais inspirados arranca um sorriso lindo da japonesa baixinha e invocada da barraca de pastel onde ele sempre pede o de queijo. E ela nunca deixa ele (ou eu) pagar mesmo tendo aquela cara de quem está sempre virada no cão. Sempre conversando com as mesmas velhinhas simpáticas que carregam em seus carrinhos muitas laranjas que previnem a gripe. E toda semana quando chego perto da barraca do peixe a Iracema vai separando o badejinho que não tem espinha.

E o diálogo se repete. Quando chego à barraca do Seu Paulo, sentencio: “Seu Paulo, Seu Paulo, tá muito cedo isso, Seu Paulo, monta essa feira mais tarde, Seu Paulo, pelo amor de Deus”! E ele, sempre simpático e com o sorriso banguela de dois dentes de baixo, responde enquanto enrola o bigode grisalho: “Ô, Dona Tatiana, para atender bem os clientes queridos como a Senhora, a gente tem que pegar no batente cedinho... Se não, de quê que vale essa



caóticos de uma mulher crônica

vida, não é mesmo”? E ele separa umas coisinhas suculentas enquanto o Matheus agarra uma melancia tentando tirá-la do chão e geme alto.

Toda semana é o mesmo papo. Eu pechincho e eles aceitam, sempre reclamando; mas aceitam e sempre colocam uma coisinha a mais que é “para dar para o Matheus, viu Dona Tatiana?!”. Eu choro as pitangas e eles deixam tudo na porta da minha casa. Toda semana a piada é a mesma. Os versinhos também: “Mulher bonita não paga, mas também não leva!”

Toda semana eu reclamo deles para eles. E eles sorriem para mim o sorriso de quem ganha a vida numa puta dureza e é feliz assim. É realmente para poucos. E resignados, com certeza.





tati *cavalcanti*

ALGUNS DOS MEUS PORQUÊS

Porque quando eu acordo está tudo sempre cinza como se o fim das contas estivesse se apresentando através do céu. Porque quando eu faço meu café eu quase morro de vontade de fumar um cigarro e lembrar como é ter a sensação de que tudo se esvai numa fumaça que acalma e depois mata. Porque pagar o preço é sempre dolorido, mas tudo sempre exige pagar o preço. Porque toda escolha me deixa tão atormentada que o desgosto é certo numa insegurança que é minha por mais que eu grite que não. Porque berrar é parte de minha estratégia mais pesada na minha luta contra as milhares de vezes em que eu sei, eu deveria me calar. Porque me calar é mais forte que eu por mais que às vezes eu seja muito forte.

Porque quando eu almoço meu estômago me diz que é para ir devagar porque não dá para digerir carne sem digerir o pé na bunda argumentado com tantas crueldades. Porque as crueldades são meu maior trunfo quando eu magoo alguém com a intenção de magoar. Porque eu às vezes sou uma praga num corpo agora meio magro. Porque quando eu sinto frio eu me lembro daquele dia quando, aquele idiota nerdzinho do caralho me deixou falando sozinha depois de ter corneado. Porque o egoísmo é só uma labareda da minha fogueira cheia de madeira ilegal. Porque ilegal dá um tesão pavoroso e eu sempre morro de tesão em quase todas as coisas que, em tese, são somente para os politicamente





caóticos *de uma mulher crônica*

incorretos. Porque politicamente correto é um saco peludo de animal e eu odeio sacos peludos de animais nojentos.

Porque quando eu escuto essa música eu choro sem saber nem de longe porque é que estou chorando. Porque quando esse cheiro de refogado adentra meus dois buracos do nariz eu sinto um aperto no peito que parece que vai explodir de saudade. Porque eu adoro sentir saudade então vivo refogando tudo para não ficar feliz demais sem motivo. Só porque grande parte das pessoas que me odeiam me odeia porque eu não esturricio de felicidade.

Porque quando chove muito eu fico atolada de angústia de reviver em imagens lentas, aquela tarde escolar e chuvosa quando eu quase apanhei da Tesla por causa do Léo. Porque eu tive culpa do Léo se apaixonar por mim. E pela Tesla ser uma cretina mental. Porque quando abre o sol muito quente passa na minha cabeça o dia em Laranjeiras quando o Flávio me disse que estava comendo uma menininha sem compromisso.

Eu amei tanto porque desamar é sempre tão ruim que é melhor viver morrendo de amor.



TUDO MEU É EXATAMENTE ISSO

Minha carne é crua porque tudo que torra dá cama de hospital e queimadura de terceiro grau. Minha alma morre de medo de morrer porque ela é bunda mole – literalmente – como eu. Meu humor é péssimo e eu tenho verdadeira ojeriza de pessoas que riem de tudo. Para que eu mostre minha dentuça torta, já que decidi não usar mais aparelhos quando mais precisava, é preciso um senso impressionante e uma tirada - no mínimo - genial. Ou eu tenho que estar num bom humor atípico, o que calculo que aconteça de 80 em 80 anos. Minha cabeça funciona numa velocidade absurda e se voasse uma mola no meu capacete eu certamente teria morrido. E é constante eu me perder de mim mesma na minha própria velocidade causando acidentes irremediáveis no meu coração de melão. Poucas vezes concluo um pensamento porque me lembro de pensar em outra coisa mais importante ou mais polêmica e aí choro até inchar porque me dá branco e eu confundo fatos e coisas. Meu corpo é ansioso e adolescente apesar das marcas dos 33 anos mais dois filhos em dois anos. Meus olhos são curiosos e buscam todas as sensações que eu acredito poder ter com os olhos. Imagens bonitas que arrepiam, bons filmes para coleção de vocês já sabem o quê e sentimentos agradáveis que embalam a minha corrente sanguínea e umedecem todos os meus restos. Minha vida está sempre correndo desesperada atrás de boas histórias para viver e poder contar.



caóticos *de uma mulher crônica*

Meus dedos são compridos e calejados de passar 10 anos na frente de um monitor escrevendo sobre as coisas dessa minha complexa passagem terráquea mais essa complexa mania de ser difícil porque dormir deformada é charmoso e aponta para a nossa fragilidade perdida no meio das contas para pagar. Mãos que também estão secas porque falta tempo para eu me cuidar e o hidratante de mão da Nívea anda um arrombo de caro. E se eu tiver que escolher entre escrever para murchar e passar um creme eu fico com a primeira opção. Morro com a mão seca, mas não com a goela dos dedos que pulsam loucamente para eu não estourar no silêncio. Minhas pernas são ajeitadas, mas andam rápido demais. E eu vivo tropeçando em nada e em tudo porque essa pressa não me deixa, nem quando eu quero ficar parada como uma estátua humana idiota e sem pulsação. E essa minha pressa é o que move meu mundo e me faz respirar e seguir adiante no meio de tantas coisas a serem ditas, cuidadas, executadas, vividas e sobrevividas. Eu tive pressa para nascer. Eu tive pressa de viver tudo para espantar meu medo de morrer e minha expectativa latente em aprender logo e mais e sempre. E no meu desejo de ser adulta quando ainda era criança e ser criançona quando já era adulta. E eu guardava os momentos que eu não podia viver naquele segundo, dentro da caixinha de música com a bailarina linda dançando. E trancava bem. E assim que eu vivesse até esgotar o momento X, eu abria minha caixinha e vivia o momento Y. E por causa da bendita pressa e a bendita urgência em viver, viver e viver até derramar tudo, cansar e dormir com as batatas



tati *cavalcanti*

das pernas doendo. Meus cabelos são enrolados e fodidos de tanto pinta daqui, remenda de lá para ter sempre a ilusão eterna de que mudando o visual a vida muda. Meu nariz parece uma batatinha subdesenvolvida e é ávido por cheiros que me façam cometer erros insanos. Possíveis erros insanos, se bem cometidos, são sempre as melhores histórias para se contar.

Minha postura se assemelha a de um macaco porque sou preguiçosa demais para segurar meu corpo pesado em cima da minha coluna pseudo invertebrada. E como alguém que tem uma postura parecida com a de um macaco, minhas costas vivem murchas. Eu já tenho dificuldade em optar por coisas simples tipo comer frango ou peixe. Tudo meu é complexo a ponto do terapeuta ficar confuso e restarem poucos amigos. Só os com profundo conhecimento em pessoas com distúrbios emocionais tão trágicos que são engraçados. Tudo meu é complexo assim. Tal qual a minha vida que, de simples, só tem a mim.



EU GOSTO DE VOCÊ SIM

Eu gosto de você assim mesmo. Toquinho de gente gigante, monstro na arte de soltar frases de efeito como quem solta puns infantis em baixo da água só para ver bolinhas fedidas subirem. Mais puns do que frases porque esse jeito calado é foda, mas é charme.

Fazer o que, ué? Gosto desse seu par de Havaianas surrado de tanto andar não se sabe buscando o quê. Gosto desse jeans de marca, mas velho e com cara de sujo mesmo eu odiando roupa com cara de imunda. Gosto e daí?

Gosto desse seu jeito de não levar nada a sério, de me mandar manter a calma apesar de eu odiar gente calma demais. E gosto desse jeito esculachado de fazer a barba deixando meia dúzia de pêlos na bochecha esquerda e outra meia dúzia de pêlos no queixo e ainda achar que está bem feita. E implicar se eu abrir minha quase santa boca para dizer qualquer coisa. Gosto dessa sua mania chata de achar irritante eu não fechar a pasta de dentes e sempre me chamar à atenção por isso. E gosto dos trilhares de elogios que você tece gentilmente para minha sopa de pacote. Gosto dessa pilha de camiseta velha e feia e adoro seu all star furado bem em cima do dedão. E todas as suas meias de nerdzinho. E gosto das suas camisas listradas e do seu sorriso de manhã quando me abraça e me chama de mor com o hálito de quem acabou de acordar, mas não deixou, um segundo, de sentir esse amor imenso.



Gosto de falar seiscentas vezes para você pegar sua carteira, mesmo tendo horror a falar duas vezes a mesma coisa. Gosto, fazer o quê? Gosto dessa sua certeza de toda noite, da sua sabedoria na hora certa e adoro profundamente esse seu olho azul. Esse seu olho azul é foda, eu preciso dizer. Eu gosto de brigar com você porque você come muito doce e gosto como você me enrola porque quer só mais um pedacinho, vai mor. Gosto mesmo. Gosto de você gostar de mim neurótica, surtada, frustrada até a goela, mal-humorada desde o primeiro e certamente até o último dia. E gosto muito dessa sua boca desenhada meio rosa esquisito meio vermelho de paixão.

E gosto da sua mão, da sua pinta na perna e da sua superação e do seu sotaque falando todas as línguas que você fala. Eu adoro quando você atende uma ligação em inglês e acaba no francês com esse R que pega no fundo da garganta parecendo que a tripa vem junto. Eu quase morro num orgulho mórbido e numa vaidade idiota.

E das suas cuecas da Calvin Klein (ninguém nunca precisa saber que é uma só) com estampa de jornal cheio de informações quentinhas e picantes. E gosto de dormir no cinema, mas estar ali, fazendo companhia enquanto você irradia felicidade vendo ETs verdes contra ETs azuis se exterminarem com armas que atiram em neon amarelo piscante.

Eu gosto do seu hábito com Coca-Cola e fio dental e gosto de você censurando sempre tão docemente minhas histórias e sempre com argumentos aceitáveis mesmo que eu os condene. Todos. Eu gosto dos seus argumentos



caóticos *de uma mulher crônica*

até mesmo quando eles não passam de um bando de merda sem sentido algum. Porque eu sei que ciúme do passado não é para você. É só para mim.

Eu gosto de você até bravo comigo porque você bravo fica com a covinha meio torta e ainda mais charmosa. Você, seu olho azul e sua covinha torta. E gosto de verdade. De alma, de coração, de poros, de outras vidas. É basicamente isso. Eu gosto de você até quando eu não gosto.

Juu

A primeira visão dela de mundo foi no meu colo. Eu a carreguei para fora da maternidade em direção ao mundo que ela ganharia ainda bem nova. Quando ela começou a andar foi uma alegria. E ela decidiu que andar agarrada nas minhas pernas, com os pequenos braços à volta de uma das minhas coxas, era uma forma de me demonstrar seu enorme amor. Ela dormia abraçada em mim como se ali, o bicho de pelúcia fosse eu e ela a dona do brinquedo. Ela passeava comigo para cima e para baixo e tinha um orgulho animal de mim. Porque ela me via com um amor incondicional e me admirava com olhos de criança.

Aí um dia ela levantou adolescente. E eu achei que a vida ia arrastá-la para longe de mim e perto da turma da idade dela, com os interesses dela, para irem a lugares onde eu conseguiria ser chamada de Tia, no máximo. Mas não. Ela ficou. Abandonou o hábito de andar agarrada na coxa, mas esteve sempre comigo. Bastava uma ligação, uma mensagem, um sinal, uma intuição. E ela estava lá e lá e lá ao mesmo tempo. E eu estive sempre por ela. Onipresente. E por nós. E pela relação profunda que, desde sua primeira visão de mundo, a gente escolheu ter.

Ela dançava comigo, ela perguntava para mim, ela contava tudo, a gente sempre traçou planos e estratégias juntas. Uma dupla se não imbatível, inconfundível.

Aí ela virou adulta. Um mulherão que



caóticos *de uma mulher crônica*

passou a não precisar de mim para andar, nem escorar. No máximo para ter uma alma gêmea solta por aí nesse mundão de Deus, caso ainda alguma dúvida sobre a vida pairasse na cabeça dela.

Dois dias antes de eu descobrir que Matheus estava a caminho, ela me contou numa mensagem: “sonhei com você grávida de um menino!”. A minha segunda gravidez foi chocada com ela. Desde o primeiro até o último dia, me levando para maternidade sozinha. Morrendo de ansiedade, tremendo de pânico, mas ali. Firme, de salto alto e morta de orgulho de me levar até a porta do centro cirúrgico. Eu e ela, nossos mil momentos, nossas eternas confidências, nossos litros e litros de rolés em busca de nada por essa vida.

Ela não me julga, ela me lê de um jeito só dela e ela não briga comigo quase nunca. Ela me sabe de longe e se faz perto não importando a distância. A gente se entende de uma maneira única, a gente é cúmplice de vida e de morte, a gente se conhece do avesso e não há nada que ela não saiba. Não existem segredos só grandes verdades. Há vinte e cinco anos eu não tenho recordações sem ela.

Depois que eu apresentei-a para o mundo, o mundo me agradeceu da forma mais incrível: me dando um dos grandes presentes dessa vida.

Ela, o meu amor, a minha parceira. Minha companheira mais companheira: Juju.





tati cavalcanti

TODA VEZ QUE A GENTE BRIGA

Eu não sei explicar, mas toda vez que a gente briga, quer dizer, que eu brigo, fico pensando tanto que chega a corroer e vazar de dentro para fora até eu ter febre de propósito para suar. Eu reflito de um jeito manso, mas finjo arrogante. Eu refaço as nossas brigas para ver se você morre de culpa, mas você nunca morre porque você sabe de tudo sempre. Eu olho para mim, com ares de piedade porque se eu arrego, você fica demais da conta. Eu lembro, eu imagino, eu sinto e choro rios de uma lamúria tão importante quanto o PAC em época de eleição.

É como se eu estivesse em plena montanha russa, ladeira abaixo e com a sensação de o cinto estar meio frouxo. É isso toda vez que a gente briga. Eu morro de um frio que desce na garganta, chega à barriga, ferve e volta quente. E eu fico para decidir se morro de frio ou de calor. É essa a descrição do que acontece com meu corpo cansado toda vez que a gente briga. Quer dizer, que eu brigo porque você nunca briga. Como eu queria que você brigasse, que reagisse, que dissesse milhares de coisas na infinita tentativa de aparar, de tapar, de cessar, de zerar tudo e todas as outras coisas que a gente deixou para lá com medo de trazer para cá. Como eu queria que te faltasse o ar de tanto brigar para ter certeza que você ainda acha que eu valho à pena. Como eu te queria vermelho ao invés de com essa pele alva e lisa de quem nunca sai do sério. Essa cor que não é cor nenhuma de quem nunca quer



caóticos de uma mulher crônica

sair do sério por preguiça absoluta em tentar entender como é uma crônica caótica.

Toda vez que a gente briga eu fico numa expectativa louca de acabar, de esgotar a possibilidade de aquilo ainda ter interesse para um de nós ou para uma das paredes da nossa casinha tão bem construída. Esgotar seco, não sobrar uma gotícula de nada para encher o saco com o mesmo assunto de toda quarta-feira. Porque eu brigo com hora e é sempre na hora do Jornal Nacional. Eu queria muito, mas muito mesmo que você quisesse discutir mais que eu, que tentasse compreender menos que eu. Mesmo depois de tanto tempo e tantos dias e que você me olhasse com esse fundo azul sem precisar dizer: eu não vou a lugar algum, sossegue.

Eu vou te dizer que eu queria muito porque querer é pensar, é tentar, é refazer. Pelo menos uma vez. Como eu queria quebrar um pau fodido e depois ter certeza absoluta que tudo voltaria para o seu lugar porque estamos aqui, enlouquecidos e roucos tentando sobreviver à nossa falta de nós, em nome desse troço que às vezes a gente acha que é amor e às vezes a gente acha que é a zona. A maldita e bendita zona de conforto.

Eu gosto de brigar porque o amor para mim não é só um simples e bem negociado diálogo não. Para mim o amor é também uma certa pancadaria verbal. Eu e minha intensidade para vida ter paixão.

Toda vez que a gente briga eu fico assim, parecendo uma barata que tomou uma chinelada, desorientada, muda, com um textinho de merda

tati *cavalcanti*

desse aqui e com a capacidade de achar que alguém vai ler e gostar, pois deve existir por aí, meia dúzia de doidos como eu. Nascer briguenta é como nascer heterossexual. Não é doença nem dom, não sei o que é. Eu nasci para quebrar tudo mesmo, para matar meio mundo e sair depois descabelada e escrever outra bosta qualquer e ter a mesma falsa ilusão de sempre, desde que nasci.

Toda vez que a gente briga eu fico assim, um pouco sem luz.

Porque no fundo no fundo, apesar de ter nascido para brigar, eu detesto brigar com você.



ELE DESCUMPRIU

O esperado era que, depois de todas as coisas, ele me pedisse licença educadamente e me explicasse que mulheres caóticas nunca foram seu forte, mas que ele tinha me achado ótima. Eu naturalmente ficaria arrasada, à beira de uma depressão absurda e com olheiras do tamanho do meu mais novo desgosto amoroso. Ligaria para Dani e ela me diria, outra vez, que tudo isso é culpa de viver excessivamente. E eu, novamente, teria vontade de mandá-la para o inferno, mas seis minutos mais tarde, estaria dando razão a ela. E três dias mais tarde eu nem lembraria quem era ele.

Era para ser algo tipo sexo mágico. A gente transaria e ele sumiria, porque eu nunca fui a fim de dor de cabeça. E eu, bem resolvida, levantaria, ajeitaria a sobancelha e faria um coque enquanto esnobaria carinhosamente. E daria uma boa conferida no verso. E estaria absolutamente pronta para a próxima comédia de costumes que a vida me fizesse assistir na fila do gargarejo. Quando eu quero, eu sou bem resolvida e divertida. Mas só quando eu quero.

Ele pagaria pelas nossas horas de diversão já pensando na próxima vítima que faria, nos contatos mais fáceis, naquelas que acabam falando sim porque nunca tem para quem dizer não. Eu fingiria que tinha sido bom, mas nem tanto e ele terminaria o papo com a clássica: “a gente se fala essa semana”. Ele chegaria em casa, comentaria com meia dúzia de amigos e eu,



tati *cavalcanti*

ligaria para Dani. Pobre Dani.

Mas ele, aquele dia, me fez um carinho infinito e falou da mãe dele. Ele me olhou nos olhos e disse tudo que eu, no fundo, já sabia. Mas fiz que nem desconfiava. Ele me lançou de um avião com um só para quedas e nem perguntou se eu tinha medo. Eu fechei os olhos e rezei para chegar inteira. E fiz o que podia fazer: confiei nele. E ele segurou meu rosto com as duas mãos e me beijou a testa.

A gente fez que era íntimo para não ter que explicar para o mundo que já era tarde demais para tudo que não fosse nós. A gente falou de bobagens importantes e ele fazia um cafuné leve e compassado.

E por causa disso, eu não levantei bem resolvida, não ajeitei a sobancelha e não fiz meu coque charmoso de “ah, foi honesto”. Depois de todas as coisas, eu passei a perna embaixo da dele, ajeitei minha cabeça no vão do ombro grande e tirei o relógio. E parei o tempo. Afinal, não havia outro jeito de a gente ser para sempre.

O HÁBITO DE LER JORNAL

Era quase como ler o jornal. Um hábito matinal, uma coisa quase somente urbana. Automática pela simplicidade rotineira. Era quase tão despercebido como tomar banho, lavar o que precisa ser lavado, esquecer o que precisa ser esquecido porque a vida anda rápido demais para ficar só lembrando e rachando a cabeça com coisas que, se não aconteceram, meu amor, não aconteceram e ponto. Era uma coisa banal que eu fazia com o pé nas costas e a cabeça em qualquer lugar onde ela precisasse estar para resolver qualquer um dos milhares de problemas que eu finjo que tenho para parecer muito mais resignada do que sou. Ou para ser bem menos superficial do que alguns acham que sou.

Era ler o jornal salivando na ponta do indicador para virar aquela porra de página seca dos infernos que tem papel de jornal, aquela coisa velha e quase nojenta para muitas pessoas nojentas. Era tomar um gole de café morno, desses que você até sabe que está ruim, mas que o hábito te permitiu tomar só para fingir depois, que está com vontade de fumar um cigarro.

Era parte da rotina, era a música que sempre soube decor e o texto que eu mesma escrevi, porque era uma coisa que eu... Eu nem percebia ou não queria perceber porque o hábito é egoísta. Cega, limita. Faz tempo eu enxergo seres humanos como bonecos desenhados de palitos.

Mas aquele dia o barulho de você pegando

a chave soou estranho. Foi uma pegada mais devagar, como uma nota musical mais sóbria que os nossos sambas de sempre. Saiu da nossa rotina onde, enquanto você saía, eu lia imóvel. Uma cena que demorou a passar. O jeito que você me olhou foi menos profundo e o meu dedo, na hora de virar a página do jornal, grudou mais do que todos os outros dias. Como se a minha saliva tivesse secado no silêncio daquela cena que era a nossa última. A derradeira. A última tréplica.

A gente só precisava mesmo pagar a conta. Você passou por mim e o beijo doce de testa que você me deu me soou paternal. E aquele beijo nunca foi rotina. Eu tive absoluta certeza disso durante aquela, que seria nossa última vez. O último beijo. Na testa. O último olhar. Você estava indo embora.

Foi só no descer das cortinas que eu soube: você nunca foi só como ler um jornal e tomar um gole de café morno e velho.

Mas justo naquela manhã cinza já era tarde demais.



EU E MINHA COLEÇÃO DE MEDOS

Eu tenho medo do escuro. Um medo infantil de fantasma, de ser pega de surpresa e de não ter tempo para me defender dos males que ninguém está livre. Eu nunca fui dada a surpresas. Detesto ser, mas sou com orgulho previsível, meu lado curiosa se sobressai ao meu lado gostador de surpresas.

Eu tenho medo de porta de armário aberta porque minha avó sempre dizia que armários bagunçados abrigavam monstros tenebrosos capazes de acabar com nossos sonhos. Até hoje fecho as portas de armários insanamente que é para os monstros não virem nunca assustar as crianças. Nem a mim, é claro.

Eu tenho um medo infantil de raio porque para mim raio remete ao bom e velho “raio que o parta”. E para mim o raio parte mesmo porque gosto de tudo em seu todo. Eu tenho medo desse porta-retratos quebrar e levar da gente essa lembrança tão boa daquela tarde no Ibirapuera quando juramos ficar juntos por essa e todas as outras eternidades existentes. Eu tenho medo de sentir dor apesar de ser resistente. Resistente, incoerente e querendo escrever alguma coisa que caia no gosto do povo. E ficar famosa. E posar para Playboy depois. Eu, minhas celulites e meus textos na capa da Playboy. Você vai ver se eu não saio de charuto na boca bancando a intelectualóide insana que vira tiração de sarro em qualquer roda de boteco. Foda-se.

Eu tenho medo de cortina de banheiro



daquelas vagabundas porque sempre me lembra aquele filme famoso da mulher tomando banho e o psicótico com uma faca. De psicótica já basto eu. Eu tenho medo da minha inspiração porque ela fala demais, vaza demais e me deixa sempre assim expurgando para desinchar e não querendo voltar atrás. E nua numa nudez que me incomoda por causa dessa teoria que toda mulher inteligente tem que ser furada, arrebetada e tal.

Eu tenho medo de sentir saudades e tenho medo de morrer antes de criar meus filhos e escolher com quem eles vão se casar, o que vão exercer de profissão e quando podem viajar sozinhos.

Eu tenho medo de viver e gostar, mas tenho mais medo ainda de não viver e esgotar sozinha no silêncio desse banheiro frio, com uma cortina vagabunda, mas sem um psicótico que anime esse silêncio e jogue confetes e serpentinas para cima enquanto me esquarteja em pequenos pedaços numa grande cena.

Eu tenho medo de gostar de ser feliz e perder a tristeza que é escrever para ficar de bem com a alma. Eu tenho medo de ser feliz porque ser feliz é perfeito e perfeito é morno, e morno é chato e cretino. Eu sou uma chata cretina. A minha graça é a minha desgraça, a minha desgraça é meu sofrimento. É meu abalo diário com qualquer coisa, eu só não quero calar para consentir que esse negócio de respirar o tempo todo cansa. Tenho medo de bexigas porque estouram alto e meus ouvidos não são apenas seletivos. São também diretamente ligados aos meus medos. Até hoje eu tampo os ouvidos quando uma briga qualquer me assusta muito. Eu tenho um medo

caóticos *de uma mulher crônica*

gigantemente animalesco de não encontrar palavras quando eu tiver um assunto. É sempre quando a agonia está virando causa da morte que ele entra com a sutileza branca rara nos machos.

É também quando eu redescubro aquilo que eu já sei salteado. De pijama de flanela azul bebê e de conchinha com ele eu sou capaz de enfrentar tudo. Até os mais medonhos monstros de armários bagunçados dessa casinha de bonecas toda cor de rosa que a gente nem construiu ainda.

MULHERZINHA

Perfumei a sala, coloquei os vasos de flores para dentro e acendi um incenso suave na varanda que é para o cheiro vir, mas não empestear. Comprei uma lingerie nova só para fingir que você nunca me viu e nem que eu sempre te amei. E branca porque eu quero ser discreta para ser muito sexy apesar de sempre acabar rindo de mim mesma tentando ser sexy.

Passei um esfoliante no corpo para achar que estou mais macia mesmo sabendo que o negócio aqui anda mais para coxão duro que para filé mignon. Esfreguei bastante os cotovelos, em movimentos circulares, por que eles andam realmente ásperos de um jeito nada sexy como quero ser esta noite. Comprei uma camisola leve, mas também solta que é para não te lembrar o tanto que sobra para tudo que é lado. Bendita dieta que não acontece nunca! E como recentemente colocamos dimmer na casa toda, abaixei as luzes, mas não apaguei que é para ficar aquele clima de filme romântico quando eles finalmente encontrarão com suas almas e tal. E também porque meia luz favorece os buracos sem parecer que estamos com vergonha.

E além de tudo, coloquei Norah Jones tocando no DVD que é para o clima esquentar sem perder a sensualidade. Durante a tarde defumei tudo que é para deixar para lá, bem para lá, qualquer bosta que possa atrapalhar, mesmo a gente não tendo uma opinião formada sobre isso. E lembrei para mim mesma que sexy

caóticos de uma mulher crônica

não combina com estabana. Hoje eu quero selar mais uma vez o que a gente sela todo dia a cinco anos. Esse nosso compromisso tão cheio de compromissos, de verdades absolutas, de trilhas sonoras, de caretices e modernices e de brigas que sempre arranjo sozinha. Afinal, que bosta de mulher eu, hã?

Coloquei sabonetinho novo, tirei da sacola linda da loja as toalhas novas e desembulhei o presente que comprei para você. Rabisquei durante alguns minutos, num guardanapo mesmo, uns versinhos babacas, mas bonitinhos que rimam com essa minha pública paixão. Hoje eu estou até com o casco do pé mais lisinho porque fiquei lixando no banho. Quando saiu sangue eu parei porque achei que estava bom. É para na hora em que eu passar o pé na sua canela tentando ser super sexy, você não achar que estou querendo te coçar com meu casco de jaboti. Para que existe casco de pé e cotovelo, hein? E passei um reparador de pontas porque sei como você adora meu cabelo e repara nele. E nessa onda toda de criar um clima eu estou mais querendo que você chegue logo dessa porra de trabalho porque eu estou ansiosa para ver o que você vai achar de tudo isso. Eu estou ansiosa para você chegar e encontrar aqui o que eu sei que você, de vez em quando, quer: uma mulherzinha bem mulherzinha. Mais bem mulherzinha mesmo.

LAURINHA

Ela tinha uma coragem tão grande desde sempre que eu morria bem pequena diante daquele Q.G que ela parecia que era. Só que dessa vez eu beirava morrer numa inveja quase cinza que é para deixar de ser tão hipócrita, mas nunca chegar a ser tão idiota. Ela era de uma turma mega descolada que vivia nas melhores baladas, tinha os melhores amigos e nunca sabia com quem ficava porque tinha opção. Escolhia o gênero, o número e o grau.

Transitava com sua bunda ideal numa dança que combinava com ela. Ela era forte para cacete no sentido lindo da força, matava qualquer merda no peito e mandava se foder qualquer menininha babaca da outra classe que comentasse: ela fuma maconha e já deu para dois caras, sério!

Eu ficava só na espreita durante toda nossa vida escolar. Eu tinha sede de aprender a viver como ela. Porque ela, com toda experiência de seus 15 anos questionava a vida de um jeito que 99% de nós, outros, não questionávamos. Por total falta de capacidade. Ela ia e vinha, era madura, conquistava enquanto eu morria de vontade de usar uma calcinha quem sabe, mais cavada.

Eu tinha sede de visionar como ela, igualzinho ela, com suas pulseiras meio caixaras no pulso direito e umas mechas tipo parafina que na sexta não existiam, mas na segunda estavam lá, brilhando e falando sobre como ela era descoladíssima porque já tinha amigos surfistas

caóticos de uma mulher crônica

e ia para praia com eles de carro! Era dona de um desapego tão intenso e absoluto que eu, francamente? Invejava cinza de novo. Ela falava de beijo na boca com uma naturalidade que todo o resto da escola não entendia. Frequentava as mais legais festas de Perdizes porque ela conhecia o mundo Perdizes e o mundo Perdizes, cara, o mundo Perdizes morria por ela. Junto com quase todos os idiotinhas que achavam que, ficar com seus pauzinhos duros era sinal de masculinidade ou de uma relação sustentável.

Poucos tiveram a ousadia de chegar perto dela com intenções reais e muito mais do que com seus pipizinhos meio moles meio duros. Os que encheram seus peitos como verdadeiros galinhos garnisés eram lindos, corajosos, morenos, surfistas, sabiam onde comprar um back e eram mais do que pseudo machinhos de oitava série B. Sei lá. Tinham músculos e não óculos.

E além de tudo ela sempre foi minha companheira de tantas confidências. Eu, toda miudinha, toda puritaninha, um pouco antes de desbundar geral, muitas vezes, me fazia de super bem resolvida porque morria de medo de parecer a ridícula imatura que eu era na minha essência e nas minhas verdades medíocres. Ela dançava nos passos, flutuava na vida intensa que fazia questão de pontuar, chorava mansinho porque também não admitia certas coisas. Certos tropeços. O Gabriel morreu por ela sei lá eu quantas vezes. E o Gabriel era, lógico, da turma que a escola inteira queria ser amigo. Mas eram poucos e bem restritos que podiam. Eu fui cúmplice dela em algumas poucas situações, estive junto em

tati *cavalcanti*

alguns choros porque ela tinha medo de vez em quando. Até o nome era incomum. Laura. Ao todo na escola eram duas. Tatiana, Gabriela, Daniela, Fernanda. Éramos trocentas com o mesmo uniforme e o mesmo nome. Ela não. Ela era a Laura, a Laurinha. Popular, incrível, parceira para dedel. Ela, além de ser a Laura, era a minha amiga que eu adorava.

Até nesse exato segundo eu sou fã incondicional da Laura que agora tem filhos, marido, casa e é administradora de seu caos ideal. E faz tudo isso, até hoje, pasmem, flutuando numa vida intensa e muito bem pontuada.



A GENTE NÃO SE ENTENDE MAIS

Aquele noite ele estava foda. Foda com PH e dois Ds.

Ele largou para o ar: “Tá difícil. A gente não se entende mais”.

Virou as costas e foi para o banheiro se trancar na solidão que cheira mal acompanhado de pensamentos que lembram de tudo menos de querer saber se está tudo bem comigo. Se isso tudo é manha, se meu coração está mesmo dançando uma lenta ao som de Metallica. Foda-se. Jogou para o ar e se trancou no banheiro. Porque é aquela coisa que é covarde: fala o que quer e sai andando. Mal sabia ele que eu nem questionaria mais porque a desistência é o fim, a última curva do mau resultado.

E eu, meu coração descompassado e minha crise de ansiedade fomos lançadas num abismo que, a olho nu, não se via o chão. Foda-se. Faz tempo que eu estou estatelada, faz tempo que eu choro atenção, faz tempo que quarta-feira a gente não janta junto. E enquanto o chão não chegava nunca eu inspirei as dúvidas e expirei as certezas. Todas elas. E joguei para o Universo. Foda-se. Eu vou morrer mesmo, pelo menos que morra cheia de verdades absolutas e não de dúvidas idiotas.

O mundo querendo mais de mim e eu minguando numa crise de ansiedade que dá tremedeira e não me deixa escolher a capa do meu livro. O mundo querendo mais de mim e eu querendo mais do mundo. Só que o mundo,



jogou para o ar e foi para o banheiro sem deixar que eu me defendesse caso eu quisesse fazê-lo. A gente não se entende mais, está difícil.

Aquele noite foi foda. Eu vinha de dois sacos de soros, me achando uma bosta de mãe, uma merdinha safada de mulher e pá. A gente não se entende mais. Está difícil. E banheiro. Só porque a sua paz não questiona, não dialoga e só é capaz de suportar o silêncio absoluto? Ou seus próprios assuntos de planos sempre tão infalíveis.

Eu tinha decidido na minha vida desde aquele primeiro segundo, ser diferente porque queria viver isso diferente de tudo que eu vivi sempre tão igual, no mesmo roteiro, mudando no máximo, o protagonista e o elenco de apoio. Que bosta.

E o mundo caiu quando você decretou tão cruelmente, depois de nosso último jantar a dois num silêncio fúnebre: Tá foda. A gente não se entende mais.

E eu, no meio das ferragens de tantos pequenos mundos de fantasia que tinha criado com milhares de nuances cintilantes e cafonas. E quase soterrada pelo arrependimento de, tantas vezes, ter começado pelo “No entanto” para ver se te convencia. E eu, que sempre chorei o medo de um dia essa noite chegar, inspirei, expirei e fui dormir. Mesmo sabendo que eu nunca morreria de felicidade como você, por uns pequenos e raríssimos instantes eu fui feliz.

Na intersecção de uma frase tão doída havia luz. Afinal, tá foda. A gente já não se entende mais há muito tempo.



EU, SUA VOZ E MINHA CABEÇA DE FÓRCEPS

Essa noite eu sonhei com sua voz de adolescente que sempre me levou para tantos lugares onde na real, eu nunca estive. Por falta de grana, por falta de coragem com os aviões que para mim foram feitos para cair ou por falta de saber quem eu era. Ou quem eu sou. Quando a gente não sabe nem quem era nem quem é, melhor ficar onde está. Essa é a teoria dos imbecis que, como eu, sempre morreram de medo de viver, mas viveram com o cu na mão em busca de boas histórias.

Essa noite sua voz rouca veio me falar umas coisas estranhas e sentimentais. Você continua sentimental como antes? Aquele tipo ingênuo e católico sempre foi seu maior trunfo, seu maior charme, seu maior gol de placa. Aquele seu jeito de dizer: “eu jamais fumaria maconha”. Você continuava, essa noite, pronunciando as mesmas palavras: fantástico (com o A sempre arrastado para ter mais efeito). Boa (sempre rapidamente e indolor). Show. Incrível.

E eu acordei parecendo uma barata que tomou uma chinelada com o chinelo do Nardoni. Mas com alguma chance de sobrevivência, algum tipo estranho de esperança branca pérola que me dá o alívio de não desistir e acreditar que vai passar. Porque até quando não dava para passar, passou.

Essa noite eu escutei sua voz objetiva e sensual querendo me dizer todas as coisas que era para você ter dito, mas não disse. E que



toti *cavalcanti*

agora infelizmente não cabem mais em nenhum contexto. É estranho que depois de tantos contos e crônicas eu me lembre de falar da sua voz. Eu tinha esquecido como ela sempre falou mais do que você gostaria. No meu sonho sua voz estava meio trêmula, mas como de costume segura da sua importância e da sua existência.

Essa noite eu tive um sonho foi só um sonho. Porque eu sei que, nem que você quisesse muito você não diria nada. Você nunca falou mesmo, quem falava por você era esse par de olhos que eu não esqueço nunca. Que importância tem isso agora? Nenhuma, é claro que nenhuma.

Essa noite o sonho foi sonho e só isso. Esse texto é só produto da minha cabeça de fórceps unida com a minha imaginação grande, iluminada e tão cheia de desejos e mil vidas. Essa minha cabeça que participa de um jogo onde não existe game over.



NÓS, MAMÍFEROS QUE MAMAM E VOAM

Nós, morceguinhos da noite só queremos uma música a mais para não dormir antes da hora combinada e ver o dia raiar dançando ao som da nossa irresponsabilidade.

Nós, criaturas nem tão fofas que mamam e voam, queremos alguns aplausos a mais que sirvam de desculpa para nosso bis solitário e melancólico mesmo que a música seja só uma fossa disfarçada de melodia de quinta. Mesmo que seja só para esquecer que o mundo continua girando apesar do nosso sofrimento bárbaro e da nossa mania de sugar o sangue dos outros.

Nós, com dentinhos para fora, queremos só mais uma busca para não ficar no compasso de quem tudo achou e nada resolveu. E que a vala imensa entre nós e o mundo real é só uma criação de merda do impacto do nosso neurônio com um meteoro bem quente qualquer. O resultado desse impacto é esse buraco entre nós e o resto do Universo que corre para não pensar.

Nós com horror à luz do dia, com raciocínio noturno mais esperto e com fobia à velocidade diurna, desejamos toda noite que o dia passe para que a magia da escuridão e o mistério do amor se façam valer com suas melhores armas. Com seus mais gostosos charmes e suas camisolas indecentes. Com seus pudores engavetados em todo baú de preconceito dos que preferem achar a viver. À noite, no escuro, todo mundo é mais corajoso convenhamos.

Nós da noite estamos andando a passos



tati *cavalcanti*

largos para chegar à recompensa, para ter direito ao novo gosto, o novo cheiro, a renovação que depende tanto de nos movimentarmos com precisão e rapidez. E com orgulho. Quem tem que se mexer são nossos corpos.

Nós, seres avessos a poluição sonora do sol e de seu calor, sobrevivemos exatamente de não sabermos viver no meio da confusão e do desespero de quem vive de manhã, de quem vive a pressa, de quem degusta em pequenas porções, o amargo da claridade.

Nós da noite, desejamos no fundo no fundo mais uma e outra paixão e, no intervalo entre elas, um amor bem gostoso e quentinho para amanhecer melhor, mais otimista e retendo menos líquido.

Nós da noite queremos esquecer os nomes, mas não a cor da pele em temperatura ambiente.

Nós, bichos da noite queremos mesmo só outras e outras noites que é para ficarmos bem certos de que depois do dia, há sempre o recomeço.



A TAL MÚSICA DO *FREEDOM*

Te encontrar daquele jeito tão natural depois de tantas vidas me fez lembrar daquele dia. Ou melhor, daquela noite. Daquela noite naquela boate que a gente sempre ia quando queríamos dançar até amanhecer sem pensar que tínhamos pai e mãe nos esperando sãos e salvos.

Daquela noite em que a gente cantou muito alto aquela música que dizia qualquer coisa ou qualquer rima sobre "*freedom*".

Faz tanto tempo que eu nem posso reproduzir na cabeça o ritmo dela. Mas a verdade da música era a nossa verdade absoluta. Era o tal do refrão do "*freedom*" que a gente sabia muito bem o que queria dizer. Era aquela paixão por quem não se pode nem enxergar. Eu queria "*freedom*" para rolar com você na grama e te fazer o cara mais feliz do mundo. E para me fazer a mulher mais incrivelmente poderosa da face da terra.

Eu tenho duas imagens nossas. Aquela noite cantando forte e alto. E olhando no fundo dos seus olhos tentando me encontrar em alguma daquelas sombras tristes que você produzia toda vez que alguma coisa te incomodava. Eu conhecia tudo de você de um jeito que você nunca soube.

Eu gritava pela liberdade de ser só de você mesmo sabendo que não podia, que eu não devia e que você nunca viria. E berrava sóbria que era para você perceber que era a única e a maior verdade dentre todas as mentiras que eu



contava e todas as histórias que eu não acabava porque ficava pensando em você.

Aquela noite eu me declarei cantando e você consentiu olhando e achando incrível que eu, mesmo sem falar inglês cantava tudinho com uma fluência aceitavelmente charmosa. Eu pedi para Santo Expedito duas coisas durante a música: que você me beijasse ou que sumisse. Nenhuma delas aconteceu e eu bebi tudo que tinha na minha frente para poder me desculpar depois colocando a culpa na malvada.

E a outra imagem que eu tenho da gente é você chegando com um puta carro importado na porta do prédio para me levar num puta restaurante japonês quando jantar em restaurante japonês não era moda e no rodízio não vinha pescada. Aquela noite chovia porque eu me lembro da ânsia de vômito que senti quando vi como estava meu cabelo.

Te encontrar tão sem querer me fez lembrar como era sentir aquele desespero por aquela liberdade. Aquela liberdade daquela noite quando eu quis muito te dizer que eu era irrevogavelmente apaixonada por você e que eu queria que a ética não existisse. Que eu queria que a gente mandasse tudo para o inferno e que você tivesse me dito tão suavemente tudo que eu achei que você queria dizer. Eu queria que a gente não tivesse história para começar do zero. Eu quis muito te falar que o meu melhor era seu. Pelo menos naquela noite. Daquele jeito adolescente. Mas como eu não podia dizer nada daquilo, eu cantei.

Cantei a tal da musiquinha que dizia qualquer coisa assim: *"You are my freedom"*.



OS PINTINHOS BÁRBAROS

Eles estão por todos os lados como numa invasão bárbara de filme americano preenchendo espaços que seriam muito melhores vazios. Porque você há de convir comigo que é melhor vazio do que cheio de uma massa mole e que não vira pão gostoso nem na paulada nem no sol ardido. Eles se acham incríveis quando aumentam em suas listinhas ridículas o número de mulheres que seduziram, que beijaram ou - chamem do que quiserem isso que eu chamo de carência global - whatever. Mesmo que eu não deva chamar isso de sedução porque para seduzir é preciso muita inteligência e uma ginga que eu conheço em meia dúzia se tanto. Eles são quase sempre iguais e dos seus lados esquerdos têm sempre o jogador de pólo da marca que a gente já está esgotada de ver enfeitando os peitos cabeludinhos dessa raça estranha que domina o mundo a cada balada nova aberta. E o mais intrigante é a capacidade de multiplicação da raça sem que seja necessário alimentar nem jogar água depois da meia noite. E a percepção deles - que é tão aguçada quanto minha vontade de esmurrá-los - é sempre tão ruim que quando eles mais acham que estão arrasando a estrutura, eles estão na realidade enrolando as línguas de bêbados porque não podem suportar a falta de macheza que os mantém em pé na sobriedade dos fatos e as fazendo optar, muitas vezes, pela diversão solitária, charmosa e independente. Eles comentam que fulana isso, que beltrana melhor



no quesito pouca compostura e que sicrana fica mais legal de boca fechada porque tem um bafo horroroso de alho frito com cebola murcha. Durante muito tempo eles foram chamados de galinhas e canalhas. Hoje eles são chamados de. Sei lá de quê. Imbecis talvez. Ou idiotas quem sabe. Mas para mim eles são mesmo é um bando de pintinhos amarelos e magricelos sem importância alguma e suportáveis pelo tempo da tonteira de um gole de absinto mais fraco para não morrer disso. Eles ainda não perceberam que elas transcenderam de um jeito inimaginável até bem pouco tempo atrás e que tudo isso aí virou fachada de favela. Elas nem ligam mais se eles não pedem o telefone. E eles entendem que elas não deram o telefone porque não pediram. Elas já preferem que seja em suas casas que é para nem precisar dizer tchau quando vier o sono. E eles se acham malandros, pois foram embora de fininho porque era mais fácil com ela dormindo. Eles é que viraram assunto de roda enquanto quem dá a volta quase sempre são elas.

E até que os jumentos potenciais percebam que a mudança de comportamento não é porque eles ditaram, fica assim então. Quando não é na casa delas elas se vestem com pressa e vão embora de táxi porque no fundo no fundo eles é que se transformaram em criaturas completamente desinteressantes e inseguras demais para quase todas. O que, na realidade nua e crua, é ótimo porque assim os raros interessantes são potencializados ao máximo e se tornam ainda bem melhores florindo nosso Universo medíocre e tão sempre cheio desses pintinhos amarelinhos que cabem aqui nas nossas mãos.



REFOGANDO E RENOVANDO

Eu vivo refogando meu corpo que é para não perder o gosto e passo tempos e tempos renovando que é para não perder a graça e cair em desgraça. Eu refogo cada vez mais para não acostumar com o sabor azedo da rotina e para não ser outra a ter um marido que arruma uma amante. Para não acomodar, para não virar uma mulherzinha de merda que tudo que sonha na vida é com a *RAV 4 2020* e seus milhares de acessórios que não dizem porra nenhuma sobre ninguém.

Eu renovo porque mulher obsoleta é trocada por uma zero bala. Ou por duas de quinze como diria meu pai.

Eu vivo refogando para não esquecer como é bom renovar mesmo que a renovação dê preguiça e dor no corpo. Eu renovo para não desistir e para não jogar fora toda minha terapia solitária enquanto tomo banho e deixo o creme 5 minutos no cabelo que tá ruim viu, vou falar. Eu tento renovar o tempo todo que é para ele não desistir e continuar achando o meu playground o mais legal de todos e a minha *Coca-Cola* a mais gelada do mundo e a minha sopa de galinha a mais saborosa do universo. Eu refogo mesmo, até arder tudo porque sem refogar fica difícil de engolir.

Essa semana escolhi o refogado com ervas. E sabe que funcionou? Eu me senti muito melhor e bem menos traumatizada com as milhares de inseguranças que eu finjo que não tenho que é



pra todo mundo acreditar nessa casca grossa que carrego por fora do meu corpinho e que protege minha cútis lisa. Com algumas estrias sim, mas ainda lisa.

Eu refogo para tudo fluir e evoluir e, assim, quem sabe fritar as bobagens em que penso quando estou sem porra nenhuma para fazer a não ser coçar o saco que eu queria, mas não tenho. Eu renovo para não deixar a rotina me abduzir no meio de tantas fraldas e da falta de minutos para mim e para nós. Eu renovo porque ainda acredito, porque ainda quero e porque para sempre vou querer. Eu renovo porque enquanto renovamos, tentamos, acertamos, erramos; mas vivemos. Eu renovo para me situar, para me orientar e para ter certeza de que estou viva e que ainda tenho muito que fazer depois de todas as mamadeiras quentinhas. Eu refogo e renovo para descansar meu coração, para respirar aliviada e para lembrar como é lindo ser colorida mesma que cansada.

De renovação em renovação aqui estou eu. Tão igual e tão diferente.

De refogado em refogado, vou me alimentando de mim, matando minha sede de sempre mais e descobrindo temperos sempre novos que é para não perder o gosto bom de estar sempre novinha.

WISH LIST

Eu quero publicar um livro. Eu quero plantar mais umas duas árvores e ficar com a impressão de que fiz minha parte mesmo sabendo que não fiz porra nenhuma perto da destruição a que estamos submetendo o planeta e a vida das futuras gerações, se é que elas virão.

Eu quero aprender a relaxar, a respirar fundo porque, às vezes, inclusive, eu me esqueço de respirar e ouço o Renato gritando: respira! E quando ouço o grito dele, respiro e sinto um alívio imediato. O alívio de lembrar que tenho vida e se assim quiser continuar é bom respirar.

Eu quero aprender a andar de bicicleta para levar o Matheus num parque e cansá-lo até a exaustão que é para ver se ele, fazendo exercícios mais pesados e do tipo aeróbicos, dorme melhor, fica menos ansioso.

Eu quero aprender com quantos paus se faz uma canoa e a pintar cerâmica porque eu acho lindo, delicado e sensual mulheres que pintam cerâmicas. Também quero aprender um pouco mais sobre Nelson Rodrigues porque dois anos estudando foi pouco e porque eu acho a complexidade de Nelson um tesão! Eu ainda quero aprender como se faz um delicioso bolo mousse de chocolate sem precisar ficar 6 horas e 15 na cozinha e sair estressada, descabela, engordurada e com uma mousse de merda. Eu quero ouvir umas músicas diferentes, mas morro de preguiça de procurar cantores diferentes. Eu quero ser menos afobada, andar com menos pressa até nos domingos de sol quando não

há mais nada a fazer a não ser nos divertirmos horrores. E quero aprender algo sobre astrologia que é para ver se eu, com mais tato e teoria, consigo domar o leão mal-humorado, faminto e encrenqueiro que existe dentro de mim.

Eu quero ser menos ansiosa, mas acontece que falta de ansiedade para mim acomoda e tudo que acomoda amolece, apodrece e cai. Eu quero ser menos urgente, mas acontece que falta de urgência não combina com o meu auto caos e minha auto piedade. Muito menos com uma pessoa que não consegue contar até cinco porque já explodiu no um e setenta e cinco.

Eu quero aprender a fazer suflê e a falar menos porque tem dias que eu falo tanto que fico com dor de cabeça de mim. Eu quero aprender a assistir filmes de ficção, mas eu não consigo porque ficção para mim é o caralho de chato. Eu gosto mesmo é da vida real, das situações reais, dos traumas e dos choros reais. Eu quero aprender a dormir sem sutiã, mas acabo sucumbindo sempre que invadida pela impressão de que o peito, se sustentado enquanto em absoluto repouso, fica menos caído e amassado. E torto.

Eu quero aprender a me entregar mais porque essa vocação para sofrer, apesar dos filhos, ainda me faz meio arredia quando estou sei lá o quê. Eu preciso aprender também sobre ser menos radical porque essa minha radicalidade só coloca no ralo sujo e limbento todas as minhas possibilidades. Eu quero aprender um tanto mais sobre paciência porque sou tão que, inacreditavelmente, perco a paciência comigo mesma. Eu também preciso aprender a ir ao

caóticos de uma mulher crônica

cinema e não dormir, a fazer brownie de chocolate porque o Renato ama, a cortar cabelo porque o Renato quer que eu aprenda de qualquer jeito e a me depilar com mais tempo e calma porque sempre saio do banho, nos dias de faxina, com pelo menos dois ou três cortes canela abaixo e acima.

Ainda há muito que aprender. Pena que eu sou tão preguiçosa.

PÉS

Fez um coque nos cabelos nem tão longos, vestiu uma meia de algodão das bem fofinhas e brancas, a camiseta cumprida e básica de dormir nas noites em que camisolas não querem dizer porra nenhuma, afofou o travesseiro e ajeitou o edredom azul calcinha comprado numa promoção de supermercado qualquer. A grana estava curta demais para qualquer coisa que tivesse mais que 80 fios. Ele já dormia, um sono profundo, e ele dormindo sempre parece criança. Crianças têm o sono dos justos, dizia minha avó. Ela se deitou com o iPod ligado num joguinho idiota de bolinhas que tem que ser destruídas em menos de 3 minutos. A trilha sonora era o ronco dele.

Com a mão nem tão delicada fez um carinho nas costas, afinal ele tinha ido deitar reclamando de dor de garganta e corpo mole. Ele se mexeu que nem gato, indicando onde o carinho era melhor. Mais para cima, amor. A mão subiu e acariciou a nuca quente. Quente de quente mesmo, não de febre. Ele dormia leve agora. Virou-se com jeito para ficar de frente para ela, manhoso da gripe que ainda não tinha chegado, mas que dava sinais de estar na primeira esquina do corpo dele, pronta para atacar.

Ela desceu um pouco mais na cama e se ajeitou definitivamente, pois já estava com muito sono. Acomodou a perna direita em cima da coxa direita dele que sempre foi fofa e apoiou a cabeça naquele espaço entre o sovaco

caóticos de uma mulher crônica

e o braço. E foi nesse momento que o pé dele fez carinho no pé dela. Pés dizem muito. Carinho de pé para pé é sempre sinal de carinho bom, de carinho sem sacanagem. O pé dele no pé dela lembrava o começo do namoro ainda sem filhos, vivendo sozinhos e fazendo miojo de galinha caipira para tomar com vinho gelado no estilo pobre com toque refinado.

Ele fez cafuné nela. Ela teve, pela enésima vez, certeza de que valia a pena porque afinal de contas, nem tudo nessa vida é sacanagem e carinho de marido generoso faz tudo ficar mais leve e mais colorido. O cafuné dele com a mão quente curava até dor de cabeça apesar de deixar o cabelo meio oleoso. Mas cabelos oleosos não têm a menor importância considerando que shampoos resolvem a questão e falta de carinho causa problemas. E de mais a mais ele já cansou de vê-la de cabelos oleosos e mesmo assim os acha lindos e lisos mesmo que eles estejam desgrenhados. Ela estava como criança deitada de conchinha com o homem que escolheu para passar as próximas 200 vidas a que ela acreditava ter direito.

Dormiu assim. Amada, de conchinha, achando bom o cheiro do sovaco, protegida, aliviada e livre. Livre de todas as coisas que não fossem o amor, ele e o pé dele. Aquele pé que nunca viu uma pedicure, mas que faz um carinho como nenhum outro pé é capaz de fazer.

QUAL É NEGUINHO?

Ontem o problema era outro. Ontem era porque aquela porra da mangueira da máquina de lavar soltou e molhou toda área de serviço. Porra, eu tinha acabado de ajeitar a área de serviço e a mangueira sai voando máquina acima e molhando tudo. Até as roupas que estavam no varal. E aí eu tive que secar tudo, centrifugar as roupas de novo porque você não entendeu, ensopou a roupa do varal.

Anteontem não tinha nada disso. Anteontem estava tudo ótimo. Mas hoje que foi de novo. Depois da mangueira, o varal quebrou porque a Edna e sua mão de anjo roeram não sei como o cordão do varal. Ah, é para ficar mal-humorada mesmo. E aí eu saio para comprar a porra da cordinha do varal e pego um trânsito digno de chorar ou cometer uma loucura como lançar uma bomba na rua e morrer torrada junto com todos os demais aflitos que dividem comigo a fobia de estar preso no trânsito duas horas. Aí, eu chego em casa esbaforida e puta da vida e o elevador está preso e sou preguiçosa demais para subir quatro andares. Subo os quatro andares e descubro que comprei uma cordinha errada. Alguém aí já comprou corda de varal errada? Eu já. Enfim. Aí, há ainda sempre milhares de coisas a fazer e obrigações a cumprir e milhares de coisas para escrever e não sair voando que nem balão desgovernado e não tendo tempo para cumprir a quádrupla jornada a que me propus e que fracassei. Um saco. Porque eu odeio fracassar. E

caóticos de uma mulher crônica

hoje o negócio é que furou o pneu do carro depois de eu cortar o dedo com uma faca de pão. Eu não troquei o pneu, mas furou, né. Um saco pneu de carro furado porque é um atraso de vida ter que mandar remendar o estepe. E, apesar de não ter trocado o pneu do carro, tive tempo para trocar de blusa e na frente do espelho constatei o que temia: sobra para tudo quanto é lado. Estou me sentindo sobrando demais e faltando demais. Tá sobrando carne e faltando sabedoria, sobrando urgência e faltando paciência para que o tempo se encarregue de tudo que não depende de mim.

Tá faltando dormir e pensar para não morrer de culpa e arrependimento. Tá faltando. Tempo para escrever tudo o que acontece porque tudo acontece numa velocidade que meus dedos não podem acompanhar. Eu precisava mesmo era ter mais dedos. Mas como não sou uma mutante apesar de parecer uma, tenho que me contentar com os dez que alguém nos deu.

E daí que eu sou mulher?

É. Talvez o problema seja simplesmente ser mulher.

DE AMOR NÃO DE DINHEIRO

Você acha que é dinheiro, mas não é dinheiro não, seu babaca. Você acha que é materialismo, aproveitamento, sei lá o que você acha, por que na verdade eu acho que você não acha nada porque não entende nada da vida e muito menos das mulheres. Eu estou aqui falando de outras coisas que não tem absolutamente nada a ver com grana. Estou aqui com muita raiva de você porque estou falando de gentileza, seu cretino ignorante. Eu estou falando de uma rosa mesmo que murchinha, de uma balinha enrolada num papel bonito, de um sonho de valsa que já enfeitou tantas e tantas relações que não só as de comerciais. Estou falando de uma vez na sua vida podre, você abrir a porta do carro e esticar esse braço lindo para eu entrar. Estou falando de um cafuné ainda que desajeitado, de um miojo feito com carinho e entre beijos, estou aqui, seu bosta do cacete, falando disso. Dessas pequenas coisas que fazem a vida da gente mais feliz da cozinha até a sala de estar. Só que eu sei que você não entende isso porque você acha que sabe tudo das mulheres e vem outra vez me comprando com esse corpinho que você sabe que me desorienta. Você joga sujo, você não faz sua parte, você é grosso e estúpido e mesmo assim eu morro por você e para você, sem gentileza nenhuma. Eu não estou falando de você me comprar roupas, perfumes e sustentar meus vícios mais femininos como fazer a unha toda quarta porque mulher de cutícula grande é

caóticos de uma mulher crônica

o ó, meu chuchu. Eu estou dizendo de carinho, de amor sem hora, de chamego, de eu saber que pelo menos uma vez durante sua semana você teve tempo de entrar num boteco sujo e pobre e comprar um Sonho de Valsa para mim. Porque tanto faz de onde é o Sonho de Valsa, seu merda. O importante é o que esse Sonho de Valsa me diz antes de eu cagá-lo, entendeu? Eu não estou pedindo iates e nem heranças. Eu quero um cheiro no cangote em público que é para eu poder rir sensualmente, mostrar para todo mundo como somos felizes e como nos completamos. Eu quero um chopp parceiro na quinta quente, eu quero um pé que me esquente nas noites de frio ao invés de usar uma meia furada no dedo e peidar embaixo do edredom que parece que é para espantar qualquer possibilidade. Eu estou aqui suplicando por delicadezas, por momentos mais doces, porque eu aguento seu tranco e você não faz nada, absolutamente nada para ser melhor, a não ser chegar perto de mim com essas costas desenhadas que eu odeio de tanto que eu amo. Eu quero mais e muito menos. Quero um pouco mais do que nada e bem menos do que muito, porque vamos falar a verdade? Amor faz.

Sei lá, eu queria te dizer que você não precisa quitar todas as minhas milhares de prestações do sofá e do microondas porque eu ganho mal mesmo e nunca tenho dinheiro para pagar as coisas em dia. Você precisa fazer bem menos do que isso. Eu estou aqui chorando, berrando e mais uma vez querendo morrer seca e esturricada, seu filho da puta, porque eu estou falando de amor. Porque amor mesmo, esse de alma, essa merda de amor que eu tenho em

toti *cavalcanti*

ocê, nessa sua barba feia e mal feita e na sua falta de cabelos permite tudo.

Eu nunca estava falando de dinheiro, seu otário.

Eu estava falando mesmo era da atenção que você dá para tudo, menos para mim.

CASAMENTO INFELIZ

Ele andava sempre em busca do grande amor. Não o que ele queria. O que a mãe dele queria. Da grande nora que ela cobrava desde que ele ainda era moleque e mal conhecia o que era beijar de língua. Uma nora que desse filhos fortes. A nora companheira de shopping, de telefonemas, de fofocas, de tudo. Ele andava sempre em busca da mulherzinha dos sonhos que tivesse certa urgência em assinar um contrato pré-nupcial com condições bem boas caso aceitasse ficar obrigatoriamente casada com ele por pelo menos cinco anos. Tempo suficiente para terem três filhos se fossem rápidos e certos. Ele nos bares sempre de olho. Ele nos restaurantes sempre procurando. Ele topando encontro às escuras com as amigas das namoradas e dos amigos para tentar a sorte no amor. No grande amor que ele queria a qualquer custo. Qualquer mesmo porque dinheiro não era o problema. Os amigos casados, o chopp era solitário e o futebol das terças estava comprometido desde que começaram a nascer as primeiras crianças da turma.

Ela muito solitária. Uma mulher afogada em lembranças medíocres e sonhos interrompidos. Estava a certos dois anos carente de mão, de cheiro, de alguém. Carente de si e de novidades quentes na vida de merda que estava levando desde que o desgraçado do vizinho de infância largou dela depois de doze anos de namoro. Ele se apaixonou e casou com a putinha da rua

tati cavalcanti

de trás. Aquela que esfregava o rabo na cara de todos os meninos quando a brincadeira era salada mista. Todo mundo no beijo, abraço, aperto de mão e a vaca lá, no esfregão de rabo na cara dos moleques inocentes que só conheciam os rabos de suas mães e avós dentro de anáguas cor da pele.

Ela sempre amarga, revoltada e odiando salada mista. E querendo um colo para sentar, uma perna para alisar, uma barba para fazer, um café para passar e poder colocar duas xícaras na bandeja de cerâmica que é herança de família há 19 gerações. Sonhava com uma cama menor por causa do espaço ocupado. As calcinhas socadas no fundo da gaveta porque ele teria socado as cuecas em cima.

Ela querendo demais, mas procurando até onde os olhos alcançavam porque além de tudo era preguiçosa. Porque a vida emocional, a reles vida emocional dela, sempre cansou demais.

Ele, no bar, esperava um amigo. Ela, no bar, tentava comprar um cigarro. Acharam-se pelo desespero da busca.

Nunca se apaixonaram, mas namoraram. Um namoro morno e correto. Casaram-se como se fossem a última esperança um do outro. Nunca foram felizes. Mas ele arrumou a nora que a mãe dele queria. E ela já não é mais tão sozinha. Mas segue amarga e mal-humorada. E com ódio da putinha da rua de trás. E de salada mista, claro.



O DIA DO NOSSO PRIMEIRO ENCONTRO

Eu era adolescente. E na minha época de adolescência, a gente ia muito para Campinas, numa boate que se chamava Pachá. O lugar era enorme e super transado. Eu tinha uma amiga que tinha sítio ali perto e estávamos sempre por lá. Aquela noite era festa de lançamento de uma revista bacaníssima e o pai da Camila tinha ganhado uma penca de ingressos porque estava patrocinando. Lá fomos.

Eu estava toda solta no bar, conversando com amigas e amigos quando minha vista quase zerou e eu sofri uma pane total. Nada funcionava. Eu queria mexer a cabeça e não podia. Meus braços não obedeciam aos meus comandos básicos como: fiquem parados e eu perdi completamente o pouco de bom senso que tinha. Minha garganta secou e a única reação que eu tive para não morrer, foi virar o copo de cerveja numa golada só que era para poder perguntar se aquilo realmente estava acontecendo. Minhas mãos tremiam, meu cabelo arrepiou, eu podia sentir e meu dedão do pé parecia estar inchando para me denunciar. Minha postura de repente ficou eretíssima, meus pensamentos mais frios se derreteram e eu caminhei em sua direção como um robô obedecendo a um chamado. Eu caminhei lentamente que era para curtir o momento. Aquele momento tão somente meu. Caminhei pensando nas músicas mais bonitas para selar aquele encontro de almas. Eu caminhei enquanto ouvia badaladas de sinos e passava



tati *cavalcanti*

um filme sobre ele um pouco acima da minha testa. Ele e todos os seus grandes momentos. Ele e toda sua gentileza, e irritação. Ele, aquela doçura tipicamente dele e aquela paixão só dele. Ele e aquela altura ridícula. Ele e aquele perfume que senti quando cheguei perto. Caminhei e me joguei, com um olho fechado e outro aberto, em seus braços. Como se desfalecesse por completo. Ele assustado conseguiu me segurar. E seguranças ajudaram me apartando daquele momento tão mágico e tão digno de virar texto na fase adulta de minha vida.

Esse foi um momento que ele com certeza nunca soube que existiu a não ser naquele exato segundo de instante. Esse foi um momento que jamais esquecerei: a noite em que eu, Tatiana, aos 16 anos de idade e sóbria, me joguei nos braços de Ayrton Senna da Silva.

COMIDA DE HOSPITAL

Eu queria mesmo era que esse cheiro me lembrasse comida de hospital, mas não. Ele volta, volta sempre que o vento bate meio oeste meio esquisito e toda vez pá. Eu caio da cadeira, com as pernas abertas, arrebento meu cóccix e quase morro essa morte dramática e teatral que eu sempre desejei.

Quando sinto esse cheiro mesmo que eu esteja há milhares de quilômetros meu corpo deixa de obedecer e isso só me faz um ser ainda mais esquisito e mais sem vontade própria. Ele vem, invade minhas narinas e profundamente me faz lembrar como você e esse seu jeito são os verdadeiros motivos da minha existência tão pequena. Mesmo que eu não queira isso nem para as inimigas que eu quero acreditar que não tenho.

Eu queria mesmo era que esse cheiro me lembrasse coisas que rimassem menos do que essas rimas tão lindas e suaves que parecem música para meus ouvidos e trilha para as nossas milhares de histórias. Escuta esse cheiro. Transborda esse cheiro. E eu morrendo de tesão porque cansei de morrer de azeda. Porque você quando vem falando baixinho, Jesus. É uma mistura de isso com aquilo que é igual a aquilo outro que só a gente sabe o que significa. E que só a gente cheira e delira, esse delírio encantador. Me parece estranho delirar com o mesmo cheiro há 1786 dias.

Eu queria mesmo era que nada tivesse

acontecido jamais e que eu acordasse de só mais um sonho. Só mais esse sonho bizarro em que vilões te levam embora, e aí então, agarrada ao meu travesseiro de pluma de ganso, eu cochilaria de mais esse pequeno pesadelo sem grandes consequências na vida real. Você sempre foi e é a vida real. A vida que fere, põem na boca e depois cospe porque não sabe engolir.

Eu queria mesmo que esse cheiro fosse embora do mundo que era para não significar nada em nenhum lugar. Para ninguém. Até o vazio mais ditador dos ditadores é melhor do que esse cheiro e todas as trilhares de sensações que ele me traz e que me habitam a tanto tempo preenchendo minhas valas. E é melhor do que o som de centenas de sinos tocando tudo dentro de mim e me lembrando como é bom te ter aqui, tão dentro e tão fundo. É tão fundo que meu estômago te digeri com certa dificuldade, mas gostando. Nesse meu fundão que só você sabe onde é e só você até hoje soube chegar. E todos os meus cabelinhos em pé, cantando o hino em fila. Esse hino nosso, torto e mal cantado por causa da tremedeira que a gente sente depois do Rivotril da Vanusa.

Eu queria mesmo era que esse cheiro te trouxesse aqui agora e fizesse você, de joelhos, dizer do seu amor tão imenso e tão definitivo. Tão imenso quanto essa minha veneração por você. E tão generoso que te faz parar de respirar por uns instantes só para, no nosso ar, ficar para sempre esse nosso cheiro.

ERRANDO

Sei lá desse meu jeito inexplicável de errar. Eu erro porque eu erro. A Juju tem uma teoria: meu inconsciente é um parceiro bastante traiçoeiro.

Quando eu estou quieta, pode saber, más notícias. Quando eu consigo ficar meia hora sem falar, presságio do fim. Eu nasci longe de ser um passeio no parque.

Eu vim aqui para errar e me desculpo dizendo por aí de mil formas diferentes, erradas e certas.

Porque a real é que o mundo pegou e taxou: o que não é politicamente correto é erro. E a parte do mundo que nasceu não politicamente correta automaticamente virou errada.

Eu erro horrores. Sou uma mulher à beira de um caos eterno de ausências, de excessos e de defeitos. Eu erro porque sou curiosa, porque sou corajosa, porque sou pegajosa com a vida. Porque eu preciso viver do meu jeito para ser do meu jeito. E porque eu nasci para transcender essa merda toda aqui. E porque eu morro precisando dessa atenção que me vence o tempo todo. Essa atenção pentelha que berra sussurrando: vai, vai. Só mais um errinho!

Essa necessidade infantil de querer que o planeta apague as luzes por mim e me deixe em silêncio por dois minutos para não ouvir nem uma brisa. Eu e esse meu perfil mexicano. E eu erro porque não quero morrer de bode de mim mesma, porque eu quero merecer o mundo e

tati *cavalcanti*

ganhar o mundo e porque eu acho errar super digno. Porque eu quero ser exatamente esse ETzinho que o mundo não entende nem a pau e só sabe julgar e julgar e cansar a beleza ornada por um par de olheiras que dizem quase todas as coisas.

Sei lá dessa coisa estranha que é querer separar as coisas de uma forma que só meia dúzia entenderia. Nos meus grandes erros eu vivi minhas melhores histórias.

Meu erro é minha escolha bem feita, é minha dúvida sobre qual destino querer. O de asfalto ou o de terra.

Eu erro porque eu escolho, porque eu não sei parar em cima de muro nenhum e porque eu prezo pela minha personalidade difícil e bem chata. Eu erro porque eu continuo achando que esse é o caminho do recomeçar que me fascina tanto. Eu erro sempre que decido que esse é o único jeito de eu aprender a ser melhor. Ou pior.

A MULHER IDEAL

Elas andam ranzinzando na minha orelha enorme que o que falta para elas é ser a ideal. A mulher ideal e não esse tipo comum que elas acham que são, com jornadinha de merda dupla e ter que bancar a bem resolvidinha com sua bunda caída. A diferença é que a mulher ideal não tem a bunda caída. Não fala. Só ouve. E não banca nada, só é bancada.

A mulher ideal não se raspa e jamais produziria gases. Aliás, ela nem sequer sabe o que é escatologia porque passa uma parte do tempo lendo Dostoiévski e a outra em cima de uma bola de pilates para ficar gostosa.

A mulher ideal é uma dama educada e sem vergonha na medida e hora certas. E claro, nos ângulos exatos e nas posições que a favorecem. A mulher ideal trabalha, paga seu cabeleireiro, suas compras, seus sapatinhos da moda zoológico reunido, mas, ecologicamente correto, e ainda compra muitos presentes sacanas para seu par. E aos sábados ela levanta muito cedo e no seu ritual mulherzinha vai à feira comprar peixe fresco para ele tomar com uma estupidamente gelada.

Ela é linda até acordando, ela não peida, ela nunca tem olheira e não fala palavrão. Ela dirige bem, é popular até certo ponto e se precisar, toma uísque para impressionar.

A mulher ideal não transa, trepa, não beija, engole. E levanta toda arrumadinha, prende os cabelos com aquele coque charmoso de dar ódio

tati *cavalcanti*

e só para fazer tipo, sai como se nada tivesse acontecido. Porque além de tudo ela é cúmplice e discreta, a mulher ideal. A mulher ideal quer filhos, mas não agora. Quer casar, mas quando chegar a hora. Não pressiona, dialoga.

Ela gosta de futebol e é servil ao mesmo tempo em que é um fera profissional. Porque, você sabe, a mulher ideal geme, grita baixinho e rouco e ainda faz um puta risoto!

Ela não reclama de nada, ela saber ser romântica e estúpida nas horas ideais para se ter esses comportamentos. Ela é ciumenta se a bunda é mais dura e suave se o peito está meio torto!! Ela é compreensiva, tem iniciativa, é boa filha e boa nora. A mulher ideal é fiel, tem a pele lisa, economiza água e recicla o lixo. Porque a mulher ideal, você sabe, vive de reciclar. Sabe a hora de calar, a hora de opinar e a hora de amar.

E como ama essa mulher. A mulher ideal tem celulite e tem estria porque a gente também sabe, isso é coisa de mulher! Mas é que a celulite e a estria da mulher ideal são bem mais elegantes dentro do contexto em que ela vive: ser uma mulher que não existe.

ENGENHOCA PERFEITA

De olhar de longe, a olho nu, todo mundo já sabe: cabeça, tronco e membros. Pé, calcanhar e tornozelo ou qualquer coisa desse tipo que suponha uma engenhoca em funcionamento harmonioso mesmo com todos os conflitos de serem muito mais do que uma engenhoca. Mesmo com um funcionamento harmonioso e com uma perfeição quase duvidosa.

Elas parecem tocar a coisa com uma maestria quase rara para a pouca experiência. Ele parece tocar com uma bem pequena tensão. Afinal, ser minoria por si só já é tenso, frágil, voto vencido. E dentro dessa pequena diferença eles se arranjavam e rearranjavam com uma facilidade adulta e madura de mais. Andam uns nos Universos dos outros até de luz apagada sem esbarrar em um sentimento que possa fazer mal. Sabem tudo decor e salteado. É como se um deles não estiver o amor murcha, o bolo desanda, a pipoca torra. A água seca.

Ele com seus conflitos que nunca saberei quais são. Elas com conflitos que tenho tentado desvendar lendo pesquisas sobre humanos maiores de 15 e menores de 20 anos.

De olhar de longe, se um estiver gripado os outros dois estão, pelo menos, abatidos. A dor imensurável de um é o suportável dolorido do outro.

É desprezioso, leve, saudável de um jeito salada light com peitinho grelhado. E para escrever assim eu escutei Jason Mraz que é

um cara com pinta de simples e sem grandes compromissos. E também porque eles dançam tão felizes ao som de Jason.

Olhando de longe, a engenhoca é detalhada. Eles se entendem no jeito de piscar o cílio esquerdo e de torcer o nariz para direita. É um tocar de banda suave, um código Morse à parte desse mundo humano chato e sem charme.

Um bloco de concreto esperando que a vida seja construída com pressa para que sejam usados à exaustão. E a exaustão deles demora eras para chegar, porque mil músicas têm que tocar até o dia nascer. Para que, então, eles possam planejar como será o fim do dia que chega. E possam desejar que seja ainda mais eterno e que seja ainda mais companheiro. E que a vida seja generosa com eles e que em tempo algum os afaste uns dos outros.

Eles são de um jeito que nós, muito grandes, já não sabemos mais ser. São cúmplices num sentimento puro e de verdade porque pouco conhecem sobre as coisas da vida. São ansiosos num amor que, num contexto de sacanagem, podia ser um ménage safado. Eles sabem tudo deles incluindo almas, diabos, fantasmas e anjos. E medos. Numa sintonia quase infantil de quando a gente pode intuir e contar para os amigos da escola sem ser chamado de louco. Eles flutuam uns sobre os outros. São parte um do outro.

Eles são um pedaço de cada, formando um novo todo.

SOBRE NÓS DOIS E O RESTO DO MUNDO

Na verdade, sobre o resto do mundo, eu não tenho nada para dizer por que não sei nada da vida do resto do mundo. Porque sobre o resto do mundo também nada me interessa. Agora sobre nós dois... Sobre nós dois eu tenho para falar dos lençóis, dos buracos sempre quentes, das fantasias sempre concretas, dos sonhos tão plurais, da história de nós dois. Porque de nós dois eu manjo com a convicção de um PhD e com o olho dos peritos nos mais bárbaros crimes passionais. Eu sei de cabeça a nossa música, a nossa roupa, a nossa vontade, a nossa cor, o nosso barulho, o nosso silêncio, a nossa comida, a nossa fragilidade e a nossa pegada. Eu sei tudo da gente porque a gente me interessa e muito. Porque a gente sou eu.

Eu aqui tão sempre cheia de coisas para falar desse monte de amor da gente e de nós dois. E de como é delicioso ser nós dois e de como é louvável seu jeito de encarar nós dois. Dessa coisa que a gente briga, mas a gente não desgruda. Dessa coisa de você ser tão constante e eu tão trator movido a furacão. Dessa coisa só da gente, só do meu mau humor e do meu jeito chato de encarar as coisas e do seu jeito doce de acreditar que tudo dará certo. Dessas piadas que você conta e eu rio, desses textos que eu escrevo para você e você se orgulha. Disso eu posso falar, com certeza. Porque sobre nós dois eu não gosto de dar detalhes, mas só dessa vez não tem problema. Falar de como é transparente, como

toti *cavalcanti*

é azul e como é profundo esse seu olho distante de quem nunca presta atenção em nada, mas de quem sempre sabe de quase tudo pelo menos um pouco. Falar como é de paz deitar do seu lado e ouvir seu ronco mesmo que ele me acorde e eu tenha que te cutucar para você virar de lado. De nós dois eu também posso me lembrar de Buenos Aires, Salvador, Monte Verde. De nós dois eu posso falar dos filhos, das saudades, das manhãs e das madrugadas. Sobre nós eu posso falar da sua pinta na perna, desse seu braço que eu amo de paixão e desse cabelo que ainda não definiu se é liso ou crespo. De nós dois eu posso contar de todas as surras que te dei no buraco e de todas as vezes que ganhei de você no War. E de todas as vezes que você ganhou de 5x0 de mim no futebol de videogame. De nós eu digo como gosto do seu ovo frito tão diferenciado e de como você idolatra meu shimeji na manteiga. Sobre nós eu posso falar desde o primeiro dia até aqui, com uma interrupção no meio, que era para ter certeza absoluta.

Eu jamais poderia dizer nada sobre o resto do mundo.

Mas de nós dois. Ah! Sobre nós dois, meu bem, eu tenho o resto do mundo a dizer.

ON E OFF

Eu queria ter o botão *OFF* atrás da orelha, bem escondidinho atrás da minha orelha gigante porque assim ninguém me chamaria de mutante. Eu deitaria, me ajeitaria na cama, e puf, *off*. E, de manhã, aos primeiros raios de sol e berros de nenês famintos, eu “desapertaria” o *off* e ficaria totalmente *on*. *Super on*. Uma *on* descansada porque ficou nove horas *off*. Deliciosas nove horas somente respirando porque o *off* te impede de fazer movimentos que não sejam o ligar e desligar dele.. Com absolutamente todos, se é que isso é possível fisicamente, os músculos em repouso, a cachola num estado de não estar pleno e os pés. Ah, meu Deus, os pés em estado de graça após nove horas em *off*. O alívio divino e merecido. Eu queria ter o botão *off* para descansar e dormir bem. Queria também para as coisas que em mim correm numa velocidade que eu mesma não acompanho, mesmo com a resistência de quem tem dois nenês em casa.

Eu sou mais rápida que eu e o botão *off* serviria para meus momentos de mau humor em pico máximo, serviria para meus momentos únicos de sofrimento íntimo (mesmo que não haja nada para sofrer) e também seria útil para aqueles momentos em que tenho vontade de sair com uma bazuca no ombro esquerdo (que é o ombro bom) matando todo mundo sem fazer distinção de raça, religião, cor e time de futebol. Tá na frente? Pá, morre. Então nesses casos o botão *off* seria de uma utilidade

pública incrível porque o cara com o mínimo de condição pensante na vida dele apertaria seu próprio botão, se autoimpedindo de cometer uma loucura. Acabariam as brigas, as guerras diminuiriam consideravelmente e as clínicas de sonoterapia se foderiam completamente. E os narcóticos anônimos acabariam porque o cara ia querer cheirar e pá, *off*. Sem falar em quantas semanas mais durariam os casamentos tão relâmpagos quanto os sequestros. Enfim, as pessoas só discutiriam depois de esfriar a cabeça. E esfriariam a cabeça apertando seu *off*. Pá, *off*, dorme.

Esfria a cabeça e pá. *On*. Dialoga, não briga. O botão *off* poderia tranquilamente salvar as relações humanas e acabar com o vazio negro das almas solitárias, penadas e carentes. Quando estivessem à beira do suicídio *off*. *On* quando estivessem com vontade de seguir adiante em sua busca infinita e sofrida e notívaga e *mi mi mi*.

As pessoas só sofreriam caso quisessem muito sofrer. *On. Off. On Off. Off. Off. Off. Off*. Passou a dor: *on*.

O mundo seria realmente melhor e mais paciente. O único problema é que ele também seria bem mais falso e dissimulado.

EU, O MUNDO E VOCÊ

Às vezes, eu e o mundo inteiro achamos que você vai se esvaír e virar um líquido inosso e comum tipo água, por causa dessa carência que te faz insistir em coisas que a gente já está careca de saber que são quase insignificantes perto desse mundo que é você. Às vezes, quando eu e o mundo te vemos deitada nesse sofá, toda encolhida emocionalmente, parece que você está no meio de uma oração longa para que o sofá te abduza sem dor e, assim, você deixe de sentir tudo isso que te faz assim tão frágil.

Às vezes, quando eu vejo a quantidade de comida que você ingere, eu fico pensando que não dá realmente para sobreviver sendo quase desnutrida em nome da magreza e de desfilas de biquíni grande quando der uma folga para ir para a praia. Às vezes, eu e o mundo temos uma vontade imensa de pegar você nos braços e te aconchegar perto do peito para você sentir que no quentinho tudo se faz possível de uma maneira aparentemente impossível. Eu e o mundo esgotamos de dizer suas qualidades e te contar da sua beleza que parece que seus espelhos nunca puderam refletir tal e qual. Mas, às vezes, eu e o mundo inteiro temos mesmo vontade de mandar você para a loucura de uma vida ruim que é para você saber que a sua vida é boa para cacete e que quando falta um amor não falta o ar. Quando falta um amor falta um amor. E, às vezes, também paira no silêncio habitual uma dúvida gritante sobre o que exatamente

seria capaz de te fazer feliz mesmo com tantas chances de viver tão boas histórias e aprender a contá-las ao invés de só sofrê-las. Às vezes eu que estou sempre tão perto e posso sentir seu cheiro mesmo na sua ausência, tenho medo dessa fragilidade que não te permite suportar o nada que a vida te impôs até agora. Tenho medo de pensar que quando for preciso força você vai desintegrar numa falta de ser gente grande absoluta. E vai derreter rápido com qualquer um grau a mais na temperatura do planeta.

É preciso muito amor próprio para se aceitar e muita maturidade para poder admitir e conduzir de uma maneira menos insuportável do que a sua de fazer questão de espantar todo esse mundão de gente que sempre te quer melhor e avante. Mas não adianta. Infelizmente não adianta. Você que tem que juntar seus cacos e se querer no todo, que eu acho que você não conhece apesar de a vida ter te dado muitas oportunidades de se apresentar.

Eu e o mundo te queremos inteira e do jeito que você é.

E, no fundo no fundo, a gente sabe que essa sua infelicidade não passa de uma vontade absurda de ser muito feliz.



MAIS UM DE MAU HUMOR

Eu quero que o mundo morra por que hoje é daqueles dias de mau humor inabalável. Porque tem pessoas que insistem em existir, insistem em voltar de algum jeito e muitas vezes sem sequer ter ido. Insistem em ser zilhões de vezes mais do que são suas essências de baunilha. Podre. Pessoas que fazem questão de só apontar suas mil qualidades para mascarar todos os seus maiores e piores defeitos. A minha máscara anda uma Barbie na caixa escancarada, porque eu mais me assumo do que me escondo. Esse é meu jogo, minha tática absurdamente falível, mas que, sei lá, eu pago sempre para ver. Porque tem pessoas que me viram do avesso quando me colocam abaixo de onde eu sou. Quando acham que sou uma idiota qualquer que só sabe escrever um bando de merdas para tentar ganhar dinheiro de algum jeito digno. Me fazer de idiota desde a maternidade é o ataque do meu time. Quando acreditam que ignorar a minha importante existência por alguns minutos que seja, vai abalar com minha estrutura. Chove tanto que já era. O que tinha que abalar abalou.

Eu quero que o mundo morra de mau humor porque eu fico nessa história que, para dar exemplo aos meus filhos, eu não posso mandar ninguém mais tomar no cu. Tomem no cu todos. Hoje até as crianças podem ser mal-educadas que eu não estou nem aí. Nem aqui. Porque eu não estou nunca em lugar nenhum e todo mundo aqui está com o saco cheio de saber



disso também.

Mexendo na minha coleção de traumas, o encontrei essa semana, estático como eu queria mesmo que o tempo fosse. Lá, quieto, respirando só. Meu troféu de “Melhor inferior da escola”. A coleção vastamente valiosa. Puta que pariu, como aquilo tudo era forte e importante. Absurdamente importante. Eu, aos 16 anos, já estava cansada da fantasia de patinho feio, da peruca de pseudovagabunda só porque eu queria muito mais da vida do que escutar um velho babão me ensinando a somar 342 laranjas com 234 melões.

Hoje, eu quero que o mundo morra de quatro e vendido porque quanto mais lixo, mais luxo e quanto mais luxo, mais sem sentido e sem valor. Porque tem uns loucos por aí que apesar de saberem tudo de si mesmos, não sabem nada do que é o mundo real e suas muitas versões suaves, generosas e gostosas. Eu sempre tive um problema sério com pessoas manipuladoras aos seus extremos finos e longos.

Sempre que eu me frustro eu morro um pouco e morrer de pouco em pouco é morrer sofrido. Hoje eu estou morrendo assim, sofrido, murchando que nem flor mal regada e sem fotossíntese. Porque se tem uma coisa que é minha, é ser fiel. É para bem poucos mesmo, mas a fidelidade é de cão, é cega e pode matar.

Hoje está tudo um saco porque eu estou berrando o que era para ser silêncio, porque senão eu vou ficar doente da alma e da cabeça. Não adianta, o mundo é isso mesmo. Por mais louco que pareça, eu dou muitas chances que é para ter certeza bem mais do que absoluta. Mas

caóticos *de uma mulher crônica*

não depende só mim, colega.

Tem pessoas que não adianta. Elas insistem em nos convencer de que elas realmente não valem à pena.

O HOMEM DO JALECO BRANCO

Desde sempre ele foi mais alto que eu uma cabeça e quatro dedos. Coisa para cacete se a gente lembrar que eu tenho quase um metro e setenta e três. E ele sempre teve um colo do tamanho do mundo que eu criei para não viver entre verdades que sempre me machucaram tanto. Eu não. No meu colo, cabia no máximo meu superego esmagado pela minha falta absoluta de razão. Ele e seus dedos finos de médico por nascença, de confrontador por opção e gênio. O homem do jaleco branco. Eu sempre tive dedos grossos e comprava anéis de menino e por causa disso algumas meninas me achavam “sapatão”. Eu estalava os dedos para fingir que não estava ansiosa.

Ele sempre tão grande e eu sempre tão na sombra dele que me protegia do sol que ardia demais na minha pele inexperiente e bem branca. Ele tinha dois braços gigantesco e toda vez que eu estava na minha versão tamanho pequena, ele abria aqueles braços e toda dor que eu sentia saía no pum. O abraço dele era um negócio parecido com quarto de casa de avó porque tinha cheiro bom. Eu não era de abraçar porque contato físico pode ser motivo de acusação de assédio e eu queria um sossego impermeável das grandes questões de ser e estar. Ele um dia me carregou desmaiada de uma balada em Campos. E quando eu acordei, eu fingi que não tinha acordado para aquele colo não passar nunca e para aquela cena não se pagar jamais da minha memória.

caóticos de uma mulher crônica

Ele, outra noite, me disse que me amava num contexto amigo. E eu fingi que não estava nem aí porque eu nasci assim, meu amor, super bem resolvida e acima dessas pequenezas humanas.

A gente fazia uma dupla incrível. Ele preenchia tudo que não podia e eu esvaziava tudo que achava demais.

Enquanto eu queria morrer ele fazia questão de viver mais e mais com aquele jeito dele que me enlouquecia mesmo não podendo. Quando a gente jogava buraco de dupla não tinha para ninguém e ele só abriu meu coração ainda mais para o São Paulo Futebol Clube. E eu fazia charme para ele, jogava o cabelo de lado, escutava ele falar com uma atenção exclusiva e doente. E adorava as frases pequenas que diziam tudo, adorava o desapego, a religiosidade dele. O adolescente do jaleco branco. O cara que ia transformar tanta coisa em mim que não podia imaginar.

A gente sempre tão jovem que dava inveja da gente, tão grude que dava nojo da gente. Aí a gente enfiava o dedo bem no fundo da goela, vomitava e começava tudo de novo. Como uma boa dupla deve fazer sempre.

TO THE HELL

Ele me mandou pro inferno. E quer saber? Ando com muita vontade de ir. Mas uma vontade visceral daquelas sobre as quais a gente não tem (e nem quer ter) o mínimo controle. Porque pensando bem, lá no inferno a coisa deve ser quente. Sem trocadilhos, mas deve mesmo. Milhares de almas perdidas e mal-humoradas como eu. Mas todo mundo sempre cheio de boas intenções. Será que todo mundo por lá é mal-humorado como eu e chato como eu?

Mil *drinks* super coloridos, mas com a base sempre em vermelho. Centenas de festas de almas penadas buscando pelos seus devidos perdões. Eu estou realmente a fim de ir, mas com passagem só de ida que é para o mundo dobrar a língua. E para ver se eu faço falta.

Um bando de almas livres? Almas livres vão para o céu. Mas eu ando com vontade de ir. Colocar duas mudas de roupas numa mochila, bater a porta e vazar. Porque eu estou cansada, com sono e porque eu sou mal-humorada. E porque no fundo no fundo, eu fico aqui suplicando por um pouco de atenção e um pouco de diálogo. E porque, também, mais no fundo ainda, eu estou fodida de magoada. E nem é porque ele me mandou para o inferno e me disse para parar de encher o saco precioso dele. É, porque ele sempre fala pouco. Mas quando fala é com pegada. E eu pedindo só um pouco de diálogo.

No inferno as pessoas e almas dialogam,

caóticos de uma mulher crônica

será? Hoje eu acordei numa boa. Querendo conversar, sei lá. Será que é para isso que a gente tem amigos? E quais serão os trabalhos lá no inferno? Eu só não sei passar roupa. Mas de vez em quando me dá uma vontade de ir. De sair de caverna em caverna solta, buscando, querendo, esgotando as possibilidades de ser feliz como se estivesse presa num labirinto emocional. Será que no inferno tem saída? Tipo, ficou bonzinho sobe de elevador pro céu com direito a coro de recepção e milhares de harpas reluzentes agradecendo ao Senhor a salvação de outra alma quase perdida. Eu estou com muito sono. E estou magoada. Nem o café quentinho melhorou. Nem saber que ele já pensou no que disse me faz querer deixar de ir pro tal do inferno que ele me mandou. Eu detesto querer dialogar (gosto dessa palavra) e receber um sim de volta. Porque sim para mim não é nada. Não é conversa. Um sim é somente um sim. É quase um ponto final para quem não quer perder tempo tentando aparar umas arestas das quais o Durepox insi em descolar.

Apesar de que, se as pessoas almas forem muito mais mal-humoradas do que eu, duvido que conversem. Porque o cara mal-humorado não quer que você nem olhe para ele. Que dirá fale com ele. E eu também sou muito branca, sabe? E a temperatura lá no inferno deve ser alta para cacete. E não deve existir uma Sumirê para eu comprar um protetor bem melado e manter minha corzinha de mofo que eu tanto adoro. E também eu fico pensando que só festa enche o saco. Será que enche tanto o saco quanto eu encho o dele?



tati *cavalcanti*

Hoje eu tive vontade de procurar o mapa do inferno e dar um rolé por lá. Mas não sei como chegar e ainda não tenho um GPS. Melhor ficar por aqui mesmo. Corre o risco de eu perder o caminho de volta para casa.

RUA SANTO ANSELMO

É bem ali, naquela casa. Essa aqui é a Rua Santo Anselmo!

Sempre que entro na Santo Anselmo eu me lembro do meu avô se escondendo atrás da cortina para eu procurá-lo e quando encontrava era arremessada para cima enquanto ele dizia o quanto me amava e me chamava de princesa. Eu sempre me lembro de uma mega árvore que tínhamos no quintal e fazia uma sombra gostosa para. Eu tenho a lembrança de ficar naqueles cercadinhos de criança, brincando escoltada por cachorros embaixo dessa árvore bem estilo sombra e água fresca. Se não me engano era um chorão. Nem sei se isso existe, mas acho que era um. O portão era branco encardido e baixinho porque ainda não existia essa violência doida.

Lembro também das casas abertas. Do lado direito da casa dos meus avós era casa dos meus tios e do lado esquerdo era casa de grandes amigos. E mais para baixo morava outra tia minha com filhos e papagaios numa casa linda. E tudo sempre aberto porque a gente ia e vinha muito. Todos os primos. Almoçávamos na casa de uma tia e tomávamos lanche na casa de outra tia. E todas elas sempre tinham bolos quentinhos e cafés gostosos e frutas picadas em cima de bandejinhas fofas. E me lembro também das rodas de baralho quase todo final de semana lá em casa. Enquanto minha avó tocava violão, meu pai ficava puto quando perdia no buraco e minha mãe fazia sala e servia todo mundo. Eu me

lembro que o povo gostava de uma cachacinha e que era comum acordar com uns tios bêbados e perdidos dormindo no sofá da sala de manhã, enquanto minha avó fazia café para tentar curar a ressaca dos embriagados.

Na casa da Tia Angioleta também era assim. Era todo mundo ali, reunido, falando alto e ela com a paciência natural de quem gosta mesmo é de casa cheia e família unida e feliz de verdade, não só para gravar o comercial. E o Tio Arthur, marido da Tia Angioleta, sempre quieto, lendo, com os óculos apoiados na ponta do nariz, bigodes já brancos e falando de mansinho das técnicas oftalmológicas inovadoras de 1980 e confabulando com o Tio Orlando, que já estava bem doente, sobre onde aplicar seus ricos dinheirinhos. Minha avó tocava muito violão. Era uma mulher moderna para a época apesar de que, depois de velha, morria de vergonha quando via na TV um comercial de absorvente.

Na primeira transversal da Santo Anselmo tem o clube Amigos do Jardim São Bento. Igualzinho até hoje, incrível. Tinha uma piscina gigante lá, fazíamos churrascos deliciosos e passávamos muitos finais de semana e domingos familiares no clube. Porque a gente ia e voltava a pé, pois nem era um bairro de muito movimento. E toda semana a turma masculina do bairro e a turma masculina do clube (que na verdade era a mesma turma) jogava bola no campo que ainda existe também. Meu pai quebrou o braço uma vez, o Rubens o pé, mas o futebol era sagrado. Assim como a cervejinha depois do futebol.

Algumas ruas para baixo morava a Tia Lívia, e a turma do Seu Ibitinga, amigos, sempre solícitos

caóticos de uma mulher crônica

e participativos nas coisas do desenvolvimento do bairro e das fofocas também.

A Rua Santo Anselmo era nossa. Hoje só tem a Tia Diana por ali. A vida mudou, mudamos também e fomos uns para longe dos outros. Geográfica e fisicamente. A família já não é unida. Nos vemos uma vez por ano no dia 25 de dezembro e olhe lá. A Rua Santo Anselmo era praticamente inteira nossa. Hoje são casas milionárias, pessoas com seguranças, tudo com muro e grades enormes e sem o charme de antigamente quando corríamos só de calcinha e cueca pelas ruas porque éramos crianças inocentes e felizes. Toda vez que venho aqui eu choro. Porque eu posso escutar os barulhos do Rodrigo brigando na rua, posso ver a Tia Diana nos chamando para casa dela e minha avó me mandando entrar porque era hora de tomar banho e eu tentando fugir e me escondendo na pseudomerceria que meu avô mantinha na garagem de casa. Eu ainda me lembro de tudo. Até dos desenhos do chão, dos azulejos e dos copos laranja que a Tia Angioleta tinha e que na época eram super chiquérrimos e elegantes. Eu me lembro da bandeja de café, do som do violão, da Roberta me ensinando a fumar escondido porque senão ela tomava uma surra violenta e do telefone azul calcinha que tinha na casa da vovó.

A Rua Santo Anselmo não é mais nossa faz muito tempo. Mas nada vai me fazer esquecer das coisas tão lindas e tão exageradas. Toda vez que venho aqui é como voltar ao passado e saber que tivemos uma vida rara e livre. E toda vez que eu venho eu só choro porque eu morro de saudade da Rua Santo Anselmo.

A GENTE NUNCA ESQUECE

Era um dia de semana. Na verdade uma noite de semana.

Ela me ligou com aquela voz rotineiramente serena. Mesmo quando o mundo está caindo na cabeça dela poucas vezes a vi alterando o tom agradável de todo santo dia. Perguntou como andavam as coisas na escola, se eu estava estudando direito, dos namorados ou pseudo prospects. Apesar de que, aos 13 anos, na minha época quem tinha prospects eram exclusivamente as galinhas. Ou piranhas. Que eu suponho que sejam as atuais piriguetes.

Contamos um pouco de nossas semanas. Ela, desde que eu fui gerada, é transmissora de bons momentos para mim. Quando eu era uma criança chata, resmungona e chechelenta ela que me levava na Cidade da Criança. Ela me levou para ver Saltimbancos em uma das primeiras temporadas. Se ela soubesse que eu me lembro dos degraus altos daquele teatro de arena. E que ela, com aquela mão firme, me levantava e me esticava para o super degrau de cima. Ela não deve imaginar que era aquela força na mão que me possibilitava ir além do que minhas pernocas gorduchas podiam suportar. Ela fazia tudo possível e um pouco mais leve porque eu mesmo pequena já era pesada no gênio.

Uma parceira calada, uma figura quase tímida nos seus pensamentos mais superficiais. Da boca dela são poucas palavras, mas da vida uma sabedoria imensa. E apesar de quieta e

caóticos de uma mulher crônica

calada é de fibra de verdade, de raça, que quer mais do mundo e das pessoas. E quer sem cobrar, sem pedir. Conheço poucas pessoas íntegras como ela. Tudo ela realizou e com o mérito dos que fazem sem aparecer. Ela resolve as coisas todas com o pé nas costas e nada é difícil.

Muito mais tarde ela acompanhou como verdadeiro marido minha primeira gravidez. E na segunda foi para a maternidade comigo umas oito ou nove vezes. E assistiu o parto. Viu minha filha antes que eu e senti o cheiro dela muito antes do pai poder fazê-lo.

Ela contou dos dias já cansativos, pés querendo inchar, nariz alargando. O incômodo nas costas que toda mulher grávida experimenta no fim das contas.

No final da ligação ela disse o motivo primário para ter me ligado: queria que eu fosse madrinha da Luciana, a caçula que estava chegando.

Muito mais do que o primeiro sutiã, a primeira afilhada a gente nunca esquece.

A GENTE NUNCA ESQUECE

Era um dia de semana. Na verdade uma noite de semana.

Ela me ligou com aquela voz rotineiramente serena. Mesmo quando o mundo está caindo na cabeça dela poucas vezes a vi alterando o tom agradável de todo santo dia. Perguntou como andavam as coisas na escola, se eu estava estudando direito, dos namorados ou pseudo prospects. Apesar de que, aos 13 anos, na minha época quem tinha prospects eram exclusivamente as galinhas. Ou piranhas. Que eu suponho que sejam as atuais piriguetes.

Contamos um pouco de nossas semanas. Ela, desde que eu fui gerada, é transmissora de bons momentos para mim. Quando eu era uma criança chata, resmungona e chechelenta ela que me levava na Cidade da Criança. Ela me levou para ver Saltimbancos em uma das primeiras temporadas. Se ela soubesse que eu me lembro dos degraus altos daquele teatro de arena. E que ela, com aquela mão firme, me levantava e me esticava para o super degrau de cima. Ela não deve imaginar que era aquela força na mão que me possibilitava ir além do que minhas pernocas gorduchas podiam suportar. Ela fazia tudo possível e um pouco mais leve porque eu mesmo pequena já era pesada no gênio.

Uma parceira calada, uma figura quase tímida nos seus pensamentos mais superficiais. Da boca dela são poucas palavras, mas da vida uma sabedoria imensa. E apesar de quieta e

caóticos *de uma mulher crônica*

calada é de fibra de verdade, de raça, que quer mais do mundo e das pessoas. E quer sem cobrar, sem pedir. Conheço poucas pessoas íntegras como ela. Tudo ela realizou e com o mérito dos que fazem sem aparecer. Ela resolve as coisas todas com o pé nas costas e nada é difícil.

Muito mais tarde ela acompanhou como verdadeiro marido minha primeira gravidez. E na segunda foi para a maternidade comigo umas oito ou nove vezes. E assistiu o parto. Viu minha filha antes que eu e sentiu o cheiro dela muito antes do pai poder fazê-lo.

Ela contou dos dias já cansativos, pés querendo inchar, nariz alargando. O incômodo nas costas que toda mulher grávida experimenta no fim das contas.

No final da ligação ela disse o motivo primário para ter me ligado: queria que eu fosse madrinha da Luciana, a caçula que estava chegando.

Muito mais do que o primeiro sutiã, a primeira afilhada a gente nunca esquece.

ELE ME CORNEA?

Ele nunca bebe cerveja porque não gosta de lúpulo ou sei lá qual é o problema. Quando a gente sai com amigos ele vai de suco, Coca-Zero por causa da dieta e de vez em nunca arrisca uma caipirinha de saquê. Já me socorreu de porre algumas vezes e não dormia enquanto tudo não passasse.

Ele fala o tempo inteiro comigo e toda vez que tem gente perto é quando ele entoa com mais convicção: eu te amo, meu amor. Alto, claro e em bom som que é para o mundo ouvir a minha importância e saber o quanto ele é macho de assumir que, depois de tanto tempo, dá para dizer eu te amo.

Ele me abraça todos os dias e todas as noites e mesmo odiando dormir enroscado ele me deixa enrolar em volta do corpo dele. E só depois que eu durmo que ele me desenrosca e respira provavelmente aliviado. Ele me acaricia a bochecha com as costas da mão, mesmo com gente por aí achando isso meio gay. Ele me dá flores e se eu tocar o celular dele novecentas vezes, ele atende novecentas vezes.

Veza ou outra, ele vem com um papo de que os gringos querem esticar em puteiros porque as brasileiras, meu bem. A gente sempre sabe do quem brasileira é capaz. E ele volta para casa, abre a porta com um sorriso aberto e diz bem baixinho: “oi, mor”.

Ele conta tudo. A estagiária que o olhou diferente um dia, a moça da recepção que o



caóticos *de uma mulher crônica*

elogiou até que ele ficasse constrangido.

Ele é de uma honestidade que chega a ser estranha, de uma ética rara em universos capitalistas corporativos, ele tem uma sabedoria irritante.

Ele me obriga a comprar roupa, ele me toca para o cabeleireiro.

E um segredo: me chama de gostosa até hoje, quase todos os dias de nossa vida. Ele tira minha sobrancelha num ritual que torna tudo tão definitivamente íntimo que eu entro numa êxtase feminina tão grande que o mundo vira bosta cheirosa.

Meu amigo Carlos me jura: ele me corneia. Só pode ser.



O PRIMEIRO BEJO

Aquela tarde foi diferente de todas as outras.

Ela esperava por aquilo como uma dançarina espera pelo dia de dançar no Municipal. Ela era só uma adolescente e ele um homem mais velho e desesperado por um pouco de leveza e juventude para curar as dores definitivas que ele carregava.

Ela louca atrás de alguma sabedoria para sair da mediocridade dos pelinhos nascendo.

E eles se esbarraram numa Rua de São Paulo, numa tarde chuvosa.

O beijo daquela tarde, o primeiro, aconteceu depois de vinte dias de uma relação metade utópica, metade realista.

Ele pegou na nuca quente dela e ela sentiu a primeira pegada forte da vida. A canela, cheia de pêlos medianos e descoloridos, arrepiou de um jeito que nenhum idiota de 15 anos freqüentador de matinês poderia fazer.

Todas as verdades na ponta da língua. Todas as incertezas enroladas num misto de saliva com ansiedade. Um ácido quase doce. Era a vida dizendo que a hora tinha chegado. A hora do primeiro amor, da grande paixão.

Uma fraqueza absoluta, uma tonteira estranha e uma força impulsiva. Uma vontade imensa de não morrer nunca para recontar por mil vezes aquele seu primeiro frio. O frio importante que escorre e que traz à tona tudo que a gente morre de medo de viver só para não

caóticos de uma mulher crônica

sofrer nunca.

Ele passou a mão no rosto suave dela em um ato de carinho profundo.

Ela queria mais, sem parecer sedenta. Queria viver tudo naquele segundo para nada fugir. Corria o risco de ele, tão descolado, esquecer dela no primeiro pisca-pisca que ligasse avisando que ia entrar para esquerda.

Mas ele não esqueceu porque encontrou nela tudo que mais precisava: a juventude, a adolescência e a arte de planejar. Planejar o futuro sem saber que, até ele chegar, muitas mudanças podem acontecer.

Ela era virgem. Ele era viúvo.

Ela estava começando e ele retornando do fim.

Aquele foi o primeiro deles dois.

O primeiro beijo molhado dela.

E o primeiro beijo jovem dele depois de a vida ter levado sua mulher tão jovem.

ELE E A TEORIA DA FELICIDADE

A boca dele era perfeitamente contornada e a saliva tinha um gosto mais molhado que o normal. Era tanta saliva que parecia que eu ia morrer afogada na nossa paixão e nos nossos exageros tão contidos, porque eu não dizia que amava ele, mas eu amava tanto que doía até o sutiã.

A orelha dele era do tamanho ideal. Nem grande nem pequena. E atenta. Não havia o que eu dissesse que não fosse imediatamente da orelha para o buffer. E lá, armazenada, virava arma na mão de um bandido cruel e frio.

E a bochecha dele era extremamente charmosa porque tinha uma cova bem máscula e que compunha com o tríceps, que ele malhava enquanto morria de paquerar na academia da moda, as bundinhas da moda.

E o pescoço era bem largo que era difícil de encontrar um colarinho que fechasse, apesar de ele quase nunca usar camisa, pelo menos naquela época.

O tórax era normal, mas ele tinha uma pinta com um chumaço de pelinhos extra bem embaixo do mamilo esquerdo. A primeira vez que eu vi ri alto. Mas quando olhei bem para ela, bem dentro dela, eu tive uma visão privilegiada de parte do coração dele.

E pode parecer estranho, mas o sovaco dele tinha um cheiro de homem que nem todo homem que é homem tem. Porque tem uns caras por aí com cheiro de sovaco de mulher. E como

caóticos de uma mulher crônica

ele era exibicionista e vivia com o peito de fora e com a camisa pendurada no ombro, suponho que muitas pessoas tenham sentido o cheiro diferente do sovaco dele.

E o cabelo era do tipo despojado. Jogava um tubo de gel, chacoalhava a cabeça igual um roqueiro em surto com sua guitarra em punho e pronto. Estava pronto para qualquer problema e para qualquer felicidade que viesse.

E ele acreditava em super heróis, lia gibis, comprava fitas originais de um videogame caríssimo e nunca queria voltar para a vida real. Ele tinha criado um Universo à parte onde nada de mal acontecia. E onde nunca houve bigamia, assaltos, latrocínios e tal. Era um Universo dele e de meia dúzia de personagens que ele tinha criado para suportar suas fraquezas. E para ser possível viver feliz sem ter que ser infeliz e fodido para dar valor para todas as coisas da vida.

Ele adorava mitologia e tinha joanete. Mas era um joanete imensa e eu tinha medo de roçar meu pé no dele e pegar. Porque parecia que o joanete dele ia agarrar e sufocar meu pé, até que eu ficasse imóvel e pronta para o abate, que só vinha depois do game over do videogame dos personagens do mundo que ele criou. Super cansativo e super charmoso porque ele tinha uma teoria inédita: faça papel de idiota, bem idiota e seja feliz.

E naquela relação, com ele e seus super-heróis eu fui bem feliz.

Até o dia em que eu não quis mais ser idiota.